



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS II - ALAGOINHAS/ BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL**

OLINSON COUTINHO MIRANDA

**CONTOS DIFERENTES E MARCAS DA DIFERENÇA NA ESCRITA DE
MARCELINO FREIRE**

**Alagoinhas/BA
22 de maio de 2014**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS II - ALAGOINHAS/ BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL**

OLINSON COUTINHO MIRANDA

**CONTOS DIFERENTES E MARCAS DA DIFERENÇA NA
ESCRITA DE MARCELINO FREIRE**

Alagoinhas - BA
22 de maio de 2014

OLINSON COUTINHO MIRANDA

**CONTOS DIFERENTES E MARCAS DA DIFERENÇA NA ESCRITA DE
MARCELINO FREIRE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB como requisito para obtenção do título de Mestre em Crítica Cultural

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Souza García

Alagoinhas - B
22 de maio de 2014

FICHA CATALOGRÁFICA

M672c Miranda, Olinson Coutinho.

Contos diferentes e marcas da diferença na escrita de Marcelino Freire./ Olinson Coutinho Miranda – Alagoinhas, 2014.
95f.

Dissertação - (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Campus II.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Paulo Cesar Souza Garcia.

1. Teoria queer. 2. Identidade de gênero na literatura. 3. Sexo – Diferenças (Educação). I. Garcia, Paulo Cesar Souza. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. III. Título

CDD 305.5

Biblioteca do Campus II / Uneb
Bibliotecária: Evany Alves de Souza – CRB: 5/1112

OLINSON COUTINHO MIRANDA

**CONTOS DIFERENTES E MARCAS DA DIFERENÇA NA ESCRITA DE
MARCELINO FREIRE**

Esta dissertação foi julgada para obtenção do título Mestre em Crítica Cultural – Área de concentração em Letras – e aprovada em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

Alagoinhas, 22 de maio de 2014

Prof. Dr. Paulo César Souza García
Orientador

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Magno Gomes (UNEB)
Examinador Interno

Prof. Dr. Djalma Rodrigues Lima Neto (UFBA)
Examinador Externo

SUPLENTE

Prof. Dr. Suely Messeder (UNEB)
Examinador Interno

Prof. Dr. Roberto Seidel (UEFS)
Examinador Externo

Dedico este trabalho a meus pais, Olímpio de Oliveira Miranda e Eulina Coutinho Miranda, os responsáveis por minha índole e dedicação aos estudos.

Dedico, em especial, a minha tia mãe, professora, alfabetizadora, Alicina Miranda Coutinho a qual sempre investiu em minha educação e promoveu meus primeiros passos enquanto escritor e leitor de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Olímpio Oliveira Miranda e Eulina Coutinho Miranda, pelo esforço e dedicação para que pudesse crescer com dignidade e garra para enfrentar os obstáculos, superá-los e garantir uma vida digna e de respeito.

Agradeço, também, aos meus irmãos, Elmo Coutinho Miranda e Eulímpia Coutinho Miranda, pela companhia, ajuda e por me ensinarem o dom do conviver e do respeitar. Ao meu sobrinho, Cauã, que me ensinou o verdadeiro valor do amor.

Aos meus tios e primos, em especial, minhas primas irmãs, Jane Belitardo Coutinho e Janete Belitardo Coutinho, pela companhia, irmandade e confiança.

Agradeço a todos os meus professores, em especial, minha alfabetizadora, tia Alicina Miranda e minha prima Sandra Coutinho as quais mostraram o verdadeiro caminho do educar.

Agradeço aos meus colegas e professores do mestrado, em especial, ao meu orientador Paulo César Souza García, o qual investiu em minha pesquisa e proporcionou um grande desenvolvimento intelectual importante para minha vida pessoal, profissional e educacional.

Agradeço ao escritor Marcelino Freire, autor que pesquisei e me possibilita enxergar a vida com outros olhos.

Por fim, não poderia deixar de agradecer aos meus antigos e atuais colegas de trabalho, em especial, Marília Dantas, Celeste Sauthier e Roberto Carlos Santos, os quais me dedicaram o dom do carinho, do cuidado, da atenção, do amor.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa fosse finalizada.

*Nossa literatura precisa ser arrebatadora, demoníaca.
Feita de raiva, verdade raivosa.*

Marcelino Freire

RESUMO

A dissertação *Contos diferentes e marcas da diferença na escrita de Marcelino Freire* é resultado da pesquisa sobre a escrita do autor nordestino Marcelino Freire. A dissertação intenta uma leitura sobre as escritas do autor e permite entrever a desmontagem de uma tradição discursiva sobre as minorias, ao passo que aponta para a emergência de uma política em favor da diversidade de modos de vida. Não mais se trata da normatização que lê o sujeito sob estruturas fincadas na domesticação e nas faces do patriarcalismo e, sim, de como a escrita possibilita a desestabilização de conceitos pré-determinados. Neste sentido, a estratégia adotada é seguir a trajetória de uma protagonista leitor que, ao reivindicar para si uma posição de minoria percebendo escritos que estigmatizam e patologizam. Tal projeto, prever uma política pautada na diferença e encontra, em discursos encenados por personagens, uma forma de perceber a diversidade das minorias, em foco, as minorias sexuais. Direcionado de uma leitura queer, que tem como propósito criticar o cenário cultural hegemônico e normativo e promover a diferença. Os argumentos são respaldados pelos diálogos entre textos teóricos e cenas da narrativa que tornam visíveis discursos que desconstruem e descentralizam as ordenações culturais que expressam a dicotomia centro/margem. Estas possibilidades permitem situar a pesquisa no campo dos estudos queer, referenciando-a por teóricos como Michel Foucault, Denilson Lopes, Guacira Lopes Louro, Richard Miskolci, Judith Butler e outros. O debate com críticos visa compreender como a diferença se faz presente na obra de Marcelino Freire e como são refletidos e problematizados. A inserção do trabalho no campo da Crítica Cultural se deve a possibilidade de questionar as dicotomias, os binarismos, buscando romper às normas e regras que reprimem, excluem e silenciam a diversidade e multiplicidade. Tanto os fundamentos teóricos, os objetivos, a metodologia, quanto a importância de retratar a temática, encontra, neste estudo dissertativo, perspectivas singulares de revelar impressões da diferença na escrita de Marcelino Freire.

Palavras-chave: Literatura. Estudos queer. Diferença.

ABSTRACT

The dissertation *Contos diferentes e marcas da diferença na escrita de Marcelino Freire* is the result of research about the writing of the northeastern author Marcelino Freire. The dissertation tries a reading of the writings of the author and can discern the disassembly of a discursive tradition about minorities, while pointing to the emergence of a policy in favor of diversity of lifestyles. No longer is the standardization that reads the subject being stuck in the domestication and structures on the faces of patriarchy and, yes, how writing allows the destabilization of predetermined concepts. In this sense, the strategy adopted is to follow the trajectory of a player protagonist who, while claiming for himself a position of minority writings realizing that stigmatize and patologize such a project provide a policy based on the difference and see in staged speeches by characters, a way to realize the diversity of minorities in focus, sexual minorities directed from queer reading, which aims to criticize the hegemonic and normative cultural scene and promoting difference. The arguments are supported by theoretical dialogues between the narrative scenes that make visible the discourses that deconstruct and decentralize cultural orderings expressing the dichotomy center / margin texts. These opportunities allow situating research in the field of queer studies, referencing it by theorists such as Michel Foucault, Denilson Lopes, Guacira Lopes Louro, Richard Miskolci, Judith Butler and others. The debate with critics aims to understand how the difference is present in the work of Marcelino Freire and how they are reflected and problematized. The inclusion of the work in the field of Cultural Criticism should be the possibility to question the dichotomies, the binaries, seeking to break the rules and regulations that suppress, exclude and silence the diversity and multiplicity. Both theoretical foundations, objectives, methodology, as the importance of portraying the theme, see, dissertative this study, unique perspectives to reveal impressions of the difference in the writing of Marcelino Freire.

Keywords: Literature. Queer Studies. Difference.

LISTA DE SIGLAS

ABEH	Associação Brasileira de Estudos Homoeróticos
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
ENUDS	Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual
GT	Grupo de Trabalho
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESP	Universidade do Estado de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 (QUEER)ERES DIFERENTES	17
1.1 TEORIA QUEER: CONCEITOS E FUNDAMENTOS	20
1.2 A (EX)CENTRICIDADE QUEER	27
1.3 OS ESTUDOS QUEER EM TERRAS BRASILEIRAS	32
2 MARCAS DA DIFERENÇA EM MARCELINO FREIRE	37
2.1 O CONTO CONTEMPORÂNEO	40
2.2 O ECOAR DE VOZES	43
2.3 A ESCRITA DA DIFERENÇA	49
3 CONTOS DA DIFERENÇA MARCELINO FREIRE	62
3.1 SUJEITOS DA DIFERENÇA SEXUAL	63
3.2 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS	67
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Segundo Carlos Magno Gomes (2011a), diante das novas abordagens em torno dos estudos de cultura, o objeto literário, como mais uma das representações culturais, é analisado menos por sua superioridade estética que por sua capacidade ideológica. Desta forma, opta-se por uma abordagem híbrida, um método interdisciplinar, em que nem questões formais nem ideológicas podem ficar de fora. De acordo com Reinaldo Marques (1999), é importante inserir um construto interdisciplinar que está além do binarismo estético/cultural, pois sua construção se dá por meio de diferenças e de significações suplementares do autor e do leitor. Tal estratégia interdisciplinar constitui uma etapa mediadora entre os estudos literários e os culturais.

Stuart Hall (1999) define os estudos culturais como fundamental à crítica dos valores hegemônicos determinados. Ao questionar o hegemônico, o crítico literário inclui questões de pertencimento identitário, de diferença de raça, sexo, gênero ou de classe, no roteiro de sua interpretação, para identificar a camada ideológica do texto literário, visto que reconhece que “‘o quê’ e o ‘como’ nas representações das ‘coisas’, mesmo admitindo uma considerável liberdade individual, são circunscritos e socialmente regulados” (SAID, 1995, p. 120).

Sendo assim, Gomes (2011a) afirma que a crítica cultural possibilita uma nova vertente aos estudos literários, uma vez que “ao fazer análise literária, os procedimentos dos estudos de cultura vão indagar as condições de possibilidades históricas e sociais de considerar esse tipo de composição como literatura, e vão observar as condições de uma prática” (CEVASCO, 2003, p. 149).

De acordo com Walter Benjamin (1985), a incompletude é inerente à obra de arte, cabendo à crítica muito mais o papel de suplementá-la do que o de julgá-la. Sendo assim, abole-se a hierarquia existente entre uma e outra, que passam a se relacionar em função de complementaridade. Caberia à crítica, como autoconsciência da obra, revelar a sua intenção, contribuindo para o seu aperfeiçoamento, levando-a à consciência de si. Fixando-se apenas nas interpretações, vai provocar um deslocamento da ênfase conferida até há pouco tempo, pelas ciências humanas, ao acontecimento ou à obra em si, que passa a recair sobre as condições de produção do discurso sobre tal acontecimento ou obra. Rompe-se com conceitos baseados nas noções de causalidade e linearidade temporal, características de uma visão mecânica do funcionamento social, buscando-se enfatizar não mais as semelhanças, mas as diferenças, as especificidades de cada cultura. (LIMA, 1995, p. 39).

Gomes ratifica que:

Nesse caso, o extrato cultural pode explorar melhor os sentidos do texto quando lidos de um lugar politizado. Assim, o crítico deve se colocar na contramão da cultura hegemônica para analisar grupos ideologicamente excluídos. Além de não privilegiar o prisma do sujeito universal, o crítico contemporâneo deve se voltar para as representações da diferença a partir do reconhecimento do que está em jogo. Com isso, ao deslocarmos o papel do crítico, pensamos em uma proposta de análise literária em que o hibridismo da linguagem literária seja reconhecido, pois ‘arte’ e ‘política’ não se dissociam no texto literário. [...] A crítica literária pautada na diferença deve evitar o sentido alienante das representações hegemônicas e deve privilegiar o secundário, pois a cultura tem suas fronteiras e o para além dessas fronteiras. (2011a, p. 60-61).

É importante frisar que a leitura pautada na crítica cultural requer um conhecimento amplo do texto literário para que se supere a ideia de estética e se passe a pensar em uma leitura de texto híbrida, que envolva a estética e a cultura, de forma a ultrapassar a percepção da cultura hegemônica em prol da diferença, que representa a diversidade, desmontando o poder centralizador e normatizante que controla esta cultura. Portanto, é necessário perceber o contra hegemônico, o marginalizado, o excluído, enfim, o diferente. Sendo assim, esta pesquisa representa os ideais da Crítica Cultural, uma vez que possibilita o ecoar de vozes dos guetos, das minorias, dos marginalizados, dos ex-cêntricos, dos diferentes, sujeitos que possibilitam o deslocamento do centro, que promulga regras e normas pré-estabelecidas e promove racismo, preconceito, homofobia, exclusão, opressão, violência. Uma leitura, portanto, da diferença, na escrita do autor Marcelino Freire, utilizando o queer enquanto método para representar a multiplicidade e a diversidade das minorias, romper, desmontar, deslocar a normatividade dominante e perceber a diferença como conceito fundamental para a concretização dos anseios e desejos. São mulheres, negros, índios, pobres, favelados, gays que representam a diferença diante da sociedade que promove a higienização, a exclusão e repressão destes sujeitos marginalizados. Silviano Santiago ratifica que:

[...] a questão das minorias é o reverso da medalha do autoritarismo. De um lado, basicamente, a questão do índio e do escravo negro na civilização ocidental, bem como a da mulher na sociedade machista; do outro, a questão dos homossexuais, dos loucos e dos ecólogos, e de todo e qualquer outro grupo que se sinta agredido ou reprimido nas suas aspirações de justiça econômica, social ou política (2002, p. 41).

A “revitalização dos discursos das minorias, como os da mulher, do índio, do negro” (SOUZA, 2002, p. 29), dos “ex-cêntrico[s], o[s] off-centro[s]” (HUTCHEON, 1988, p.

88) começa a ter uma maior visibilidade, graças a movimentos e a escritores como Marcelino Freire, que buscam lhes dar voz e incentivar a luta “por seu espaço no debate acadêmico e no meio cultural” (SOUZA, 2002, p. 29).

Vale ressaltar que o foco principal desta pesquisa é a leitura diante das minorias sexuais (gays, travestis, transexuais, drags, bissexuais), o que torna importante salientar os estudos da sexualidade, da homossexualidade na sociedade, para que se concretize o queer enquanto representação do diferente, pois, conforme Mario César Lugarinho (2010, p. 73), “apropriaram-se, em vista disso, do termo queer para designar o sujeito que se constitui a partir de sua diferença”

A sexualidade representa as práticas sociais em torno do corpo, seus usos e prazeres. Desde meados do século XIX, discute-se que a sociedade passou a viver em um crescente processo de repressão sexual em que as pessoas deveriam seguir as normas e as regras estabelecidas e quem fugisse destas normas seria considerado doentio, pecador. A sexualidade começou, assim, a ocupar um lugar (negativo, diga-se de passagem) de destaque no cotidiano social e as práticas sexuais consideradas “erradas” a serem duramente reprimidas. Prendia-se, internava-se, matava-se aqueles que praticavam atos que fugiam à “normalidade sexual” (FOUCAULT, 1988).

Diante da repressão exercida pelo poder, a sexualidade perpassa pela normalização de condutas que determinam as regras a serem seguidas pela sociedade e, assim, ainda segundo Michel Foucault (1988), o sexo foi “colocado em discurso” no Ocidente, cujas sociedades estão impregnadas de uma multiplicidade de discursos sobre a sexualidade – pronunciados pela Igreja, pela Ciência, pelo Direito – que têm como efeitos a produção e a multiplicação da categorização de “tipos” de sexualidades (LOURO, 2008) e a proliferação de mecanismos para controlá-la. No entanto, todo este processo permitiu um efeito reverso, pois aqueles sujeitos colocados no lugar da patologia, do distúrbio, produziram, a partir daí, um contradiscurso, ou um “discurso de resistência”, como definido por Foucault (1988).

Ao se estudar a diversidade de sexualidades, as sexualidades desviantes (gays, lésbicas, travestis, drags, transexuais), vem à tona o estudo da homossexualidade, termo usado pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert, em 1869, uma vez que a homossexualidade surgiu enquanto patologia, como doença. No Brasil, o termo homossexualidade foi utilizado, pela primeira vez, em 1894, no livro *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*, de Francisco José Viveiros de Castro, professor de Criminologia da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e desembargador da corte de Apelação do Distrito Federal, conforme expõe o teórico James Green (2000).

Desta forma, ser homossexual era ser doente e contra as normas e condutas da moral e dos bons costumes de uma sociedade em que a heterossexualidade sempre foi vista como o “normal”, o “natural”, logo, na situação de dominante, impôs suas normas nos meios educativos, sociais, culturais e institucionais. Percebe-se que a heteronormatividade domina e determina as regras a serem seguidas pelas pessoas, independentemente do fato de elas serem héteros ou homossexuais, uma vez que os gays acabam sendo oprimidos e se veem obrigados a seguirem tais normas tornando-se heterossexualizados para que consigam viver em harmonia dentro da sociedade preconceituosa e centralizadora. Desta forma, os travestis, os transexuais, os transgêneros, as drags, os gays feminilizados, as lésbicas masculinizadas sofrem preconceito, violência e exclusão. Luana Molina ratifica que:

Dentro da diversidade sexual, os grupos de *gays, lésbicas, travestis e transexuais* são vítimas de preconceitos e discriminações, devido a sua orientação sexual e à identidade de gênero. A homofobia, preconceito contra pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo, é diariamente marcada por gestos, olhares, palavras, discursos, agressões e até mesmo assassinatos. (2011, p. 18, grifos da autora).

A discriminação, o preconceito, a violência e os assassinatos levaram à organização do primeiro movimento gay e lésbico, que surgiu nos anos de 1960, no contexto de pós-segunda guerra, momento que marcou a história do contemporâneo movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT). Segundo Toni Reis (2007), em 28 de junho de 1969, aconteceu uma rebelião dos movimentos gays e lésbicos contra as arbitrárias batidas policiais no Bar Stonewall, em Nova Iorque. Um ano depois desta rebelião, dez mil homossexuais, provenientes de todos os estados dos Estados Unidos, se manifestaram pelas ruas de Nova Iorque, lutando pelos seus direitos. Desta forma, a data de “28 de junho” passou a ser considerada o Dia Internacional do Orgulho LGBTT. No Brasil, entre o final da década de 1970 e o início dos anos 80, em um contexto de regime militar, os movimentos sociais marcam a história na busca não somente pela democracia, mas pela cidadania plena e pelos direitos civis, dentre eles, os movimentos gays.

Vale ressaltar que os movimentos gays e lésbicos tiveram grande importância para o desenvolvimento e a concretização de muitos direitos civis dos homossexuais, porém, desde seu surgimento, foi marcado por preconceito, discriminação e exclusão dentro do próprio movimento, uma vez que os gays e lésbicas excluía minorias sexuais como travestis, transexuais, bichas, drags, bissexuais, fixavam normas e identidades e seus participantes eram homossexuais que se posicionavam dentro da heteronormatividade. Desta forma, surge, nos

anos 80, nos Estados Unidos, o movimento queer¹, que tem como fundamentos os teóricos Michel Foucault e Jacques Derrida e se embasa nos estudos pós-estruturalistas e na desconstrução.

É importante frisar que os estudos queer ultrapassam ao estudo das sexualidades, uma vez que pensar o queer enquanto método é compreender a diferença diante das vivências de desigualdades e injustiças que caracterizam grupos socialmente marcados como inferiores, anormais ou abjetos, ou seja, minorias étnico-raciais, de gênero, de classe e sexuais que explicitam maneiras tão diversas de promover a diferença. (MISKOLCI, 2007, p. 1).

O objeto de estudo desenvolvido ao longo dos três capítulos desta dissertação é decifrar o queer como forma de desmontar a estrutura do texto de Marcelino Freire, escritor nordestino que retrata, em suas narrativas, os sujeitos marginalizados, como as mulheres, os negros, os índios, as prostitutas, os gays, possibilitando um ecoar de vozes diante da sociedade hegemônica, centralizadora, excludente e preconceituosa. Portanto, propõe-se uma leitura que possibilita o deslocamento e a ruptura da normatividade, apresentando personagens excêntricos que permeiam a ideia de estranho e não pertencente ao centro, concretizando o ideal da diferença diante da multiplicidade de sujeitos pertencentes às minorias.

No primeiro capítulo, “(Queer)eres diferentes”, estará descrita a teoria queer, sua história, seu surgimento, conceitos e fundamentos, expondo a excentricidade dos estudos queer tanto na representação do estranho, do raro, do diferente quanto na configuração daquilo que está à margem, fora do centro, que normatiza e predetermina regras. E, para complementar, há uma breve descrição dos estudos queer em terras brasileiras, no intuito de demonstrar como e porque o queer surgiu no país, quais seus principais pesquisadores e o direcionamento dos eventos, publicações e pesquisas diante de tais estudos. Para este capítulo, as referências são autores como Michel Foucault (1988; 2006), Judith Butler (2002), Annamarie Jagose (1996), Guacira Lopes Louro (2008), Denilson Lopes (2004), Richard Miskolci (2007; 2009) os quais conceituam e fundamentam os estudos queer nos Estados Unidos e no Brasil.

No segundo capítulo, “Marcas da diferença em Marcelino Freire”, é exposta a fortuna crítica do autor por meio de uma breve biografia/autobiografia, apresentando sua vida e obra e descrevendo as principais críticas a respeito dos fundamentos e características de sua escrita. Apresenta-se trechos em que o próprio escritor avalia, critica, analisa sua forma de

¹ É fundamental destacar que o termo queer não será grafado em itálico, uma vez que se propõe uma leitura de ruptura às normas pré-estabelecidas.

escrever e sua perspectiva enquanto escritor que busca provocar, transgredir, deslocar tudo aquilo que é imposto como normatizante pela sociedade. Além disto, descreve-se o homoerotismo nas narrativas de Marcelino Freire expondo os sujeitos desviantes e ações perturbadoras. Portanto, destaca-se a política da diferença na escrita do autor, promovendo a ruptura das normas e regras pré-estabelecidas. Como principais referências, cita-se Jurandir Freire Costa (1992), Rick Santos e Wilton Garcia (2002), José Carlos Barcellos (2006), Eduardo Teixeira (2008), Erik Schøllhammer (2009), Maria de Lourdes Ortiz Gandini de Baldan (2011), Wilton Garcia (2013) e o próprio Marcelino Freire (2006; 2008; 2011; 2013).

No terceiro capítulo, “Contos da diferença em Marcelino Freire”, expõe-se uma leitura dos contos “Phoder”, “Homo erectus”, “Balé”, “A volta de Carmem Miranda”, “Amor de Poeta” e a “Sagração da Primavera”, do livro *BaléRalé* (2003); “Solar dos Príncipes”, “Esquece”, “Vaniclélia”, “Polícia e Ladrão e “Coração”, da obra *Contos Negreiros* (2005); “Tupi-Guarani”, “Junior”, “Amigo do Rei”, de *Rasif, mar que arreventa* (2008); “Vestido longo”, “União Civil” e “Jesus te ama”, da obra *Amar é Crime* (2010) na perspectiva do diferente. O queer é usado enquanto método para a leitura destes contos de Marcelino Freire, levando em consideração a excentricidade, as performances das minorias, em especial, as minorias sexuais e o desmonte da normatividade, no intuito de promulgar a diferença na sociedade. São utilizados autores como, Judith Butler (2002), Simone Ávila e Miriam Pilar Grossi (2010), Edward MacRae (1992), Rogério Diniz Junqueira (2007), Beatriz Preciado (2009), Djalma Thurler (2013) e Marcelino Freire (2003; 2005; 2008; 2010).

A análise da escrita de Marcelino Freire é fundamental para perceber a diferença diante da diversidade das minorias, por confirmarem que não desejam ser toleradas. A função delas é desestabilizar, desorganizar, estabelecer o caos na narrativa. Assim, a dissertação traz à tona os estudos queer e apresenta uma forma de ler a questão da cultura que reifica a identidade e rompe com as normas e regras pré-estabelecidas.

Dessa forma, esta dissertação pretende argumentar a diferença, como meio de representação os sujeitos marginalizados pela sociedade ocidental, paradigmas e posturas ordinárias da cultura falocêntrica. Afinal, a limpeza, a ordem, a abjeção, a domesticação, a higienização são fatores fundamentais nesta sociedade que centraliza, domina, reprime e exclui. Sendo assim, serão apresentados sujeitos que se diferenciam e resistem aos padrões impostos, desmontando as estruturas fixas, rígidas, ao ponto de estabelecer diferentes caminhos e desejos.

1 (QUEER)ERES DIFERENTES

A teoria queer surge nos Estados Unidos, na década de 1980, e tem suas bases fundamentais nos estudos feministas e nos estudos gays e lésbicos. A teoria provém da necessidade de um reordenamento gay e lésbico e promulga um movimento pós-identitário², superando a ideia de identidade fixa e normatizada pelos estudos feministas e gays e lésbicos. Sendo assim, surge a possibilidade de sujeitos, prazeres, amores, desejos diferentes que perpassam a ideia das normas e regras.

Os estudos feministas e os estudos gays e lésbicos surgiram da necessidade de representação diante do poder centralizador e hegemônico exercido pela sociedade machista e heteronormativa. Portanto, estes estudos têm como objetivo a representação das mulheres, dos gays e das lésbicas enquanto pertencentes à diversidade de gênero e sexualidade.

É nos anos 1960, no contexto da contracultura, que os movimentos feministas, gays, lésbicos e de transgêneros³ passam de uma visão meramente integrativa em relação às democracias representativas ocidentais, para contestá-las, em um plano mais amplo, articulando-se a propostas comunistas, socialistas, anarquistas e libertárias. Em um momento privilegiado de questionamento das relações entre saber e poder, entre universidade e sociedade, emerge um novo intelectual engajado, não só definido pelas questões de nação e classe, mas, também, de etnia e gênero. Politicamente, a questão é como sair de um lugar específico e dialogar com o conjunto da sociedade e, teoricamente, inserir os estudos gays, lésbicos e transgêneros nos debates centrais desta virada de século, a partir da experiência intelectual de um país periférico. (LOPES, 2004, p. 65).

Segundo Ana Cristina Santos:

A aproximação entre estudos feministas e estudos gays e lésbicos decorre de vários factores. Em primeiro lugar, a proximidade temática: ambos os campos se caracterizam pela oposição a regimes de poder baseados em categorias estritas de gênero e sexualidade. (2006, p. 3-4).

Santos retrata a proximidade entre os estudos feministas e os estudos gays e lésbicos diante da crítica ao poder centralizador e normatizante de gênero e sexualidades, uma

² O conceito de pós-identitário trazido pela teoria queer representa o deslocamento da normatização pertencente ao termo identidade, uma vez que manter uma identidade é manter as normas e as regras pré-estabelecidas pela sociedade heterossexista.

³ O termo transgênero se refere a uma pessoa que sente que ele ou ela pertence ao gênero oposto, a ambos ou a nenhum dos dois sexos tradicionais, e inclui travestis, transexuais, intersexuais, *drag queens* e *drag kings*.

vez que estes estudos buscam uma ruptura com o centro hegemônico em que prevalece o poder machista e heterossexista. Conforme ratifica Denilson Lopes:

Tanto os estudos feministas quanto os estudos gays, lésbicos e transgêneros têm um primeiro movimento de criticar representações sociais estereotipadas, os silêncios e as opressões. Essa abordagem sócio-histórica é fundamental para quebrar núcleos da misoginia e da homofobia, ao demonstrar que as diversas sociedades e os vários tempos históricos lidaram de forma bastante diversificada para além das dualidades masculino/feminino e heterossexualidade/homossexualidade. O preconceito se expressa na sociedade pela ridicularização e pelas violências; na política, ao ser considerado um tema menor diante das transformações conduzidas pelos partidos e pelos sindicatos; bem como na universidade, ao não legitimar estes estudos em pé de igualdade com correntes de pensamento mais tradicionais. (2004, p. 65).

Tais estudos têm papel fundamental no combate ao preconceito e à exclusão desses grupos minoritários dentro de uma sociedade em que o poder de voz está centrado nos homens heterossexuais brancos os quais comandam e ditam as regras e normas centralizadoras. Diante disto, é factível que a chave destes grupos reside na expressão “visibilidade pública” para combater preconceitos e formas de exclusão bem como em buscar a igualdade de direitos na sociedade marcada pela universalização dos valores do homem heterossexual e branco. (LOPES, 2004, p. 64).

Os estudos gays e lésbicos acabam entrando em contradição, em relação aos seus ideais, a partir do momento em que delimitam como pertencente aos grupos os sujeitos gays e lésbicos também dentro de padrões e normas pré-estabelecidos. Daí surge o movimento queer, com o intuito de promover a representação das diferenças nas configurações de gêneros e sexualidades buscando interpretar os conceitos heteronormativos vigentes na sociedade centralizadora e hegemônica. Os movimentos gays e lésbicos objetivam se desvincular da imagem de doença e anormalidade. Percebe-se grande avanço e aceitação social, porém um novo padrão corporal gay é recriado: homens e mulheres heterossexualizados que excluem os efeminados, transexuais, transgêneros, lésbicas masculinizadas, *drag queens* e travestis. Diante disto, surge o interesse dos estudos queer que buscam a inserção do mundo social, questionam as normas ditas pela sociedade heterossexista e buscam romper com a ideia de binarismo homossexual/heterossexual, masculino/feminino. (BALIEIRO, 2011).

Segundo Guacira Lopes Louro:

Entendo que os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer são campos teóricos e políticos que vêm promovendo novas políticas de conhecimento cultural. [...] Há algumas décadas, os movimentos e grupos ligados a esses campos vêm provocando importantes transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento. Desafiando o monopólio masculino, heterossexual e branco da Ciência, das Artes, ou da Lei, as chamadas ‘minorias’ se afirmam e se autorizam a falar sobre sexualidade, gênero, cultura. Novas questões são colocadas; noções consagradas de ética e de estética são perturbadas. (2004, p. 24).

O interessante dos estudos feministas, gays, lésbicos e queer está na importância de se questionar e romper com a hegemonia do homem, macho, heterossexual, branco que dita as regras e normas a serem seguidas pela sociedade, portanto, em possibilitar, na contemporaneidade, por meio de estudos e pesquisas inovadoras, o deslocamento, o rompimento, o arrombamento, a desterritorização do poder hegemônico do machismo e da heterossexualidade permitindo o desenvolvimento de novas noções de sexualidade, gênero e cultura da sociedade. Lopes ratifica, afirmando que:

Os estudos *gays*, lésbicos e transgêneros são áreas interdisciplinares de estudos emergentes na academia norte-americana após os anos 60, com o estabelecimento de disciplinas, programas, centros, realização de congressos. Essa área sofre crítica nos anos 90 pela teoria dos estudos *queer*, ao retomar uma radicalidade política na contraposição a uma visão integrativa que o termo *gay* foi assumindo na sociedade norte-americana. O termo *queer* inclui simpatizantes e é paralelo ao interesse pelo transgênero, pela bissexualidade [...] (2004, p. 64).

Refere, ainda, que os estudos gays e lésbicos são precedentes da teoria queer e lhe dão sustentáculo e base, porém são considerados deficientes em relação à representação da multiplicidade sexual e ao combate à discriminação e exclusão. Desta forma, a teoria queer entra em cena para retratar os novos entendimentos, reflexões, lutas em busca de igualdade e participação ativa dos diversos sujeitos sexuais existentes na atualidade.

Enquanto os estudos de gênero, os estudos gays e lésbicos e a teoria feminista podem ter tomado a existência do “sujeito” (isto é, o sujeito gay, o sujeito lésbico, a fêmea, o sujeito feminino) como um pressuposto, a teoria queer empreende uma investigação e uma desconstrução destas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e “generificadas” (SALIH, 2012, p. 20). Sendo assim, efetivamente, a teoria queer pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao

longo do século XX, problematizaram noções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação.

Os protagonistas dessas políticas ousam se assumir diferentes, e aqui me interessam, particularmente, aqueles e aquelas que se assumem como diferentes no gênero e na sexualidade. Ao longo do tempo, os movimentos que constituem essa história se multiplicaram, assim como seus propósitos. (LOURO, 2004).

É importante salientar a fundamental importância dos estudos feministas e dos estudos gays e lésbicos no desenvolvimento dos ideais dos estudos queer e, de mais relevância, ainda, a fundamental significância destes movimentos para as transformações importantes em relação à ruptura do poder monopolizador e centralizador do masculino, heterossexual. Sendo assim, nos estudos queer, os marginalizados, as minorias, os silenciados, diante da diversidade de gêneros e sexuais, se afirmam enquanto sujeitos da diferença que buscam respeito e igualdade.

1.1 TEORIA QUEER: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

A Teoria Queer surgiu da relação entre os Estudos Culturais⁴ e o Pós-Estruturalismo francês⁵, com o intuito de questionar, problematizar, transformar e ativar minorias excluídas da sociedade centralizadora e opressora. Portanto, representa os marginalizados, os subalternos em sua diversidade, levando em consideração a diferença que promulga uma cultura contra-hegemônica.

⁴ Os Estudos Culturais dão base para o questionamento da identidade hegemônica nas representações sociais e, sobretudo, para incluir a alteridade como parte da agenda de uma crítica literária contemporânea. Este aprendizado dos Estudos Culturais se constitui em uma ferramenta interpretativa do texto literário, pois o pertencimento identitário também sugere diferentes abordagens sobre exclusão, visto que, quando pertencemos a um grupo, excluimos outros e isto ocorre porque, nas representações sociais, o pertencimento é opção ora pessoal, ora coletiva. Assim, o crítico precisa estar atento ao reconhecimento de outras vozes sociais presentes no texto, tanto as explícitas quanto as silenciadas. (GOMES, 2011a, p. 57).

⁵ Busca-se a significação do pós-estruturalismo enquanto representação de uma grande flexibilidade, fluidez e incerteza. No pós-estruturalismo, radicaliza-se a crítica do sujeito do Humanismo e da Filosofia da Consciência; nele, o sujeito não passa de uma invenção social e histórica. Também, como já dito, o pós-estruturalismo renega qualquer ideia de sistematização, uma vez que promulga um processo de significação indeterminada e instável, que enfatiza a indeterminação e a incerteza, deixando o significado de ser pré-existente para ser visto como uma produção cultural, social e histórica. “O pós-estruturalismo nunca ‘liquidou’ o sujeito, mas reabilitou-o, descentrou-o e reposicionou-o em toda sua complexidade histórico-cultural” (PETERS, 2000, p. 81).

Armand Mattelart e Érik Neveu (2004) declaram que, na relação com os Estudos Culturais, a Teoria Queer é parte de um conjunto, que podemos chamar de teorias subalternas, que faz uma crítica aos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Sua origem remonta às mudanças profundas de meados do século XX, quando problemáticas surgidas fora da academia e, muitas vezes, em confronto com a dinâmica institucional que passará a reger as disciplinas, foram reconhecidas pelos Estudos Culturais britânicos com sua refutação das distinções hierárquicas que distinguiam cultura erudita e popular e ênfase na experiência dos grupos sociais historicamente subalternizados e explorados.

Richard Miskolci (2009) se detém na abordagem sobre o queer e aponta a relação com o pós-estruturalismo francês, que concebeu a problematização das concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação, devido à teoria queer buscar representar, de forma excêntrica e radical, as diversas identidades e especificações dos múltiplos e instáveis sujeitos. De outro modo, como relata Stuart Hall (2006), ainda que haja variações entre os diversos autores, é possível afirmar que o sujeito, no pós-estruturalismo, é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. Ou, como ratifica Annamarie Jagose: “a teoria queer desenvolve-se a partir de um reordenamento gay e lésbico das representações pós-estruturalistas da identidade como constelação de posições múltiplas e instáveis” (1996, p. 3).

A expressão queer é atribuída a Teresa de Lauretis, em seu artigo “Queer Theory: lesbian and gay sexualities”, publicado, em 1991, na revista *Differences*. Três anos depois, em um artigo intitulado “Habit changes”, a autora renunciou ao conceito de estudos gays e lésbicos por considerá-lo desprovido de significado e incorporou os conceitos da teoria queer. Lauretis declara:

Quanto à ‘teoria *queer*’, a minha insistente especificação lésbica pode ser encarada como um distanciamento daquilo que, desde que a sugeri enquanto hipótese de trabalho para os estudos *gays* e lésbicos nesta mesma revista cedo se transformou numa criatura conceptualmente vazia da indústria editorial. (1994, p. 297).

A teoria queer tem como fundamentos as obras de Michel Foucault e Jacques Derrida, por meio de conceitos e métodos encontrados, principalmente, nos livros *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1976) e *Gramatologia* (1967), respectivamente. A ideia fundamental tem como ponto inicial a afirmação de Foucault de que a sexualidade é um dispositivo histórico do poder e que se baseia na inserção do sexo em sistemas de utilidades e regulação social (apud MISKOLCI, 2009, p. 2-3). A sexualidade como dispositivo opera por meio de um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais. Desta forma, sua

compreensão exige procedimentos que articulem elementos diversos tanto de regulação da vida social quanto discursos, instituições, formas arquitetônicas, enunciados científicos, proposições morais e filosóficas (FOUCAULT, 2006, p. 244).

Derrida (2006), por sua vez, é lembrado por perceber que a sociedade é feita de binarismos, de forma que o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado, por isto, os binarismos (homem/mulher, Deus/diabo, natureza/cultura, fala/escrita), aos quais todo o pensamento ocidental é relacionado e que possuem valor e significado intrínsecos, são compreendidos a partir de sua diferença com o outro. Não há nenhum significado essencial, nenhuma verdade transcendente, nenhuma finalidade fundamental caracterizando estes pares. (DERRIDA, 2006). Assim, com as questões filosóficas reportadas, o significado da teoria queer se problematiza ainda mais, pois, como diz Miskolci (2007, p. 3), “a homossexualidade só existe em oposição à homossexualidade, compreendida como seu negativo inferior e abjeto⁶. Ainda que não expressa, a homossexualidade é o Outro sem o qual o hegemônico não se constitui nem tem como descrever a si próprio”. Por sua vez, Fernando de Figueiredo Balieiro afirma que:

Aqueles que não se enquadram a esta norma social são alocados à abjeção (BUTLER, 1999) e tem a existência e materialidade de seus corpos ameaçados socialmente, suas vidas são frágeis e precárias, pois são considerados menos humanos, aberrações de uma humanidade pretensamente saudável e perfeita. Os abjetos não apenas existem de forma excluída da normalidade, eles são parte constitutiva dela, fantasmas que assombram a construção de gênero de meninos e meninas ‘saudáveis’ e que podem a meio caminho desviar-se. São assim considerados ameaças à sociedade que desempenha esforços violentos simbólica ou materialmente em perpetuar o que se considera natural, mas teima em não se realizar completamente (2007, p. 3).

É importante salientar, também, o ideal de desconstrução⁷, promulgado por Jaques Derrida, visto como luta contra um construtivismo social vigente determinado por normas e regras que oprimem e excluem. Desconstrução que busca desfazer o pensamento hegemônico

⁶ Abjeto aqui é usado no sentido de representação do sujeito negado pela sociedade devido ao fato de ameaçar a norma e promover a transgressão.

⁷ A desconstrução surgida do pensamento de Jacques Derrida contribui para o pós-estruturalismo. “Utilizado pela primeira vez por Jacques Derrida em 1967 na *Gramatologia*, o termo ‘desconstrução’ foi tomado da arquitetura. Significa a deposição, decomposição de uma estrutura. Em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente (‘isso se desconstrói’), e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante. Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do *logos*, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes” (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 9).

e dominante no intuito de . Portanto, é necessária uma análise desconstrutivista para garantir as diversidades existentes na sociedade contemporânea. Diante disto, Steven Seidman (1996) ratifica que os estudos queer são favoráveis a uma estratégia descentralizadora ou desconstrutiva, que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas, e imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e hierarquias sociais dominantes.

A abordagem de Eve Sedgwick, em seu livro *Between men: english literature and male homosocial desire* (1985), ajuda a pensar na investigação da sexualidade tal qual é representada na contemporaneidade ao afirmar que a ordem social contemporânea não difere de uma ordem sexual. Sua estrutura está no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por ser a representação do poder de dominante. Em resumo, a ordem social do presente tem como fundamento o que Michael Warner denominaria, em 1991, de heteronormatividade. (MISKOLCI, 2007, p. 3).

Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral. (BERLANT; WARNER, 2002, p. 230).

As formas não hegemônicas sexuais seguem as regras ditas pela heteronormatividade que são pertencentes, também, à realidade da homossexualidade diante dos papéis/posições sexuais em que os sujeitos se encontram frente à duplicidade ativo/passivo das relações gays. Isto acaba por fortalecer a normatividade exercida pelo poder da heterossexualidade e da dualidade promulgada na sociedade.

O casal heterossexual, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma. (FOUCAULT, 1988, p. 9). O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo, o que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a um regime binário. (FOUCAULT, 1988, p. 93). Já Judith Butler (2003) afirma que as relações de sexo–gênero–desejo–práticas são impostas pela sociedade heteronormativa. Desta forma, os estudos queer vão de encontro a esta imposição por representar uma política que se coloca contra as normas impostas pela sociedade heterossexista.

É importante salientar que os estudos queer percebem o aparato de poder e força da heteronormatividade e, diante disto, declaram que os sujeitos classificados como anormais,

perversos, sexualmente desviantes “frequentemente estão enredados na heteronormatividade” (MISKOLCI, 2009, p. 157), mas dizer que o foco queer parte da heteronormatividade não equivale a dizer uma defesa de sujeitos não heterossexuais.

Em síntese, o estudo da sexualidade, necessariamente, implica explorar os meandros da heteronormatividade tanto a homofobia materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, quanto a padronização heteronormativa dos homo orientados. (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. (CHAMBERS, 2003; COHEN, 2005, p. 24).

As reflexões dos estudos queer permitem questionar as influências dos sujeitos diante das relações de poder da heteronormatividade, compreendida por Nádía Pino (2007, p. 160) como o “[...] enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo”.

A Teoria Queer busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações, mas não apela à crença humanista, ainda que bem intencionada, nem na ‘defesa’ de sujeitos estigmatizados, pois isto congelaria lugares enunciatórios como subversivos e ignoraria o caráter contingente da agência. A crítica da normalização aposta na multiplicação das diferenças que podem subverter os discursos totalizantes, hegemônicos ou autoritários. (MISKOLCI, 2009, p. 175).

A política queer consiste em perturbar os binarismos de gêneros masculino/feminino, homem/mulher, macho/fêmea, heterossexual/homossexual, ativo/passivo cuja desconstrução tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos polos, pois cada polo contém o outro, “carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido” (LOURO, 2008, p. 43). Permanecer com os binarismos é seguir as identidades pré-determinadas que marginalizam e excluem. Desta forma, romper com os binarismos existentes na sociedade é possibilitar uma superação das normas de classificação, dominação e exclusão que permeiam a sociedade. Logo, o queer representa o espaço de uma criação onde se sucedem e se justapõem homossexuais, movimentos feministas, bissexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, drags, corpos que desestabilizam a heterossexualidade,

desmontam a confirmação dos binarismos e a própria economia do poder que centraliza e determina regras e normas. (PEREIRA, 2008). Foucault confirma:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 2005, p. 30).

É importante salientar que os estudos queer sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social e cultural contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença. E, como afirma Steven Seidman, o queer seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, instituições sociais e cultura” (SEIDMAN, 1996, p. 13).

A teoria queer traz à tona o questionamento de identidade gay, homossexual e propõe um estudo pós-identitário em busca de configurações de oposições ao binarismo hetero/homo para que se concretizem pensamentos e ações que rompam com o preconceito e a exclusão na sociedade. Guacira Lopes Louro nos adverte que:

Ao alertar para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, os teóricos e as teóricas queer sugerem uma teoria pós-identitária. O alvo dessa política não seriam propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimentos e as relações entre os sujeitos. (2008, p. 46).

A crítica do pós-identitário caracteriza a luta política de mudança, de maneira a tornar o apelo às identidades restritivo e excludente. Sendo assim, a perspectiva pós-identitária encara o desafio das demandas por identidades mesmo que provisórias, mutáveis.

Os teóricos dos estudos queer não formam um bloco homogêneo e não se restringem a políticas identitárias e ao conhecimento sexual. “Não se trata de ser contra a afirmação das identidades, mas de questionar, em especial em espaços não homofóbicos, o uso de determinadas estratégias e as relações de poder que estão inseridas nos discursos que tratam dessas questões”, conforme Leandro Colling (2011, p. 9). Tomaz Tadeu da Silva afirma que “pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-

comportadas de conhecimento e de identidade” (1999, p. 107). Portanto, é de suma importância discutir e questionar o bem-comportado dentro da sociedade que promove normas e regras, pois promulgar os sujeitos que podem se encaixar no “bom-comportamento” é uma forma de exclusão que mantém uma identidade simétrica com o sistema hegemônico e impede o desenvolvimento da diversidade e da diferença.

Em sentido genérico, *queer* descreve as atitudes ou modelos analíticos que ilustram as incoerências das relações alegadamente estáveis entre sexo biológico, gênero e desejo sexual. Resistindo a este modelo de estabilidade – que reivindica a sua origem na heterossexualidade, quando é na realidade o resultado desta – o *queer* centra-se nas descoincidências entre sexo, gênero e desejo. [...] Quer seja uma performance travesti ou uma desconstrução teórica, o *queer* localiza e explora as incoerências destas três concepções que estabilizam a heterossexualidade. Demonstrando a impossibilidade de qualquer sexualidade ‘natural’, coloca em questão até mesmo categorias aparentemente não problemáticas como as de ‘homem’ e ‘mulher’. (JAGOSE, 1996, p. 3).

Jagose (1996) esclarece que as incoerências existentes na situação de estabilidade promulgada de gênero e desejo sexual são vistas como essência dos estudos queer, que promovem uma desconstrução e se centram nas descoincidências e incoerências entre sexo, gênero e desejo, explorando todas as individualidades e especificidades de gêneros e sexuais para concretizar a pluralidade social e cultural presentes nesta sociedade que promove normas e centralização. Os sujeitos queer transgridem as fronteiras de gênero ou da sexualidade e isto acaba por classificá-los enquanto seres diferentes e desviantes.

Aqueles que não se enquadram nesta norma social são alocados à abjeção (BUTLER, 1999), considerados menos humanos, aberrações, excluídos, por romperem com a ideia de regras e de normalidade que constitui a construção de gênero e sexualidade. Sendo assim, os estudos queer apontam para a articulação de múltiplas diferenças nas práticas sociais. A diferença é o resultado da “designação do outro, que distingue categorias de pessoas a partir de uma norma presumida (muitas vezes não explicitada)” (SCOTT, 1998, p. 297). Se a diferença é criada a partir das normas, é importante investigar a forma como estas foram social e historicamente construídas dentro de processos normalizadores, isto porque a teoria queer lança o desafio de compreender como se criam as diferenças e como elas atuam no presente, anunciando o conhecimento necessário para fazer frente aos processos normalizadores que justificam o uso das diferenças como marcadores de hierarquia e opressão. (MISKOLCI, 2007, p. 16).

A teoria *queer* pretende assinalar o lugar do *queer* no concerto cultural em que se inscreve, ao observá-lo sob as suas inúmeras facetas sociais, étnicas, nacionais etc. sem tentar projetar uma imagem essencialista e globalizante, pelo contrário, mas investindo na diferença como a única forma de perceber o seu lugar e os sentidos que gera. (LUGARINHO, 2001, p. 42).

Por isso, a diferença é um conceito essencial aos estudos queer, pois é na diferença que se busca representar as variantes e a multiplicidade existentes na sociedade que normatiza e oprime por meio de suas regras e hierarquias socialmente construídas pela sociedade dominante. “Viver a diferença, nestas culturas, é estar em consonância com seus estatutos de (ex)centricidade” (LUGARINHO, 2001, p. 43).

1.2 A (EX)CENTRICIDADE QUEER

Decifrar o queer é perceber a excentricidade em sua duplicidade, a excentricidade enquanto representação do excêntrico, do raro, do estranho, do transgressor e enquanto exposição do ex-cêntrico, ou seja, do off-centro (fora do centro), segundo Linda Hutcheon (1991, p. 88). Desta forma, a excentricidade representa a diferença, que se concretiza nas minorias que estão às margens do centro hegemônico e normatizante, a partir do momento em que o centro começa a dar lugar às margens, a diferença passa a operar e promove a heterogeneidade, a desconstrução e a descontinuidade daquilo que estava pré-determinado. Sendo assim, o queer se apresenta na diversidade da excentricidade e expõe as diferenças existentes na sociedade.

A expressão queer constitui uma apropriação radical de um termo que tinha sido usado anteriormente para ofender e insultar; assim, seu radicalismo reside, pelo menos em parte, na sua resistência à definição, diz Sara Salih, que afirma que Sedgwick caracteriza o queer como indistinguível, indefinível, instável, vertiginoso, *troublant* (perturbador) e que Paul Gilroy diz que o queer não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade: é transitivo, múltiplo, avesso à assimilação. (2012, p. 19).

É importante destacar que a palavra queer utilizada pelos teóricos não tem uma tradução exata para a Língua Portuguesa, sendo traduzida como estranho, talvez ridículo, raro, excêntrico, extraordinário. Segundo Butler (2002, p. 58): “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos”.

A teoria queer apresenta um campo semântico provocante, composto por vocábulos como reconversão, deslocamento, reconfiguração, desnaturalização, subversão,

performance, paródia. Muitas destas expressões são tropos que indicam movimento e transformação, assinalando que algo muda após o ato performático de transformar um insulto em uma forma orgulhosa de identificação. Os textos parecem ressaltar, destacar, enfatizar o caráter inusitado e sísmico das inversões e das diferenças. (PEREIRA, 2008, p. 500). Louro também afirma:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina. (2008, p. 7).

Louro deixa claro a ideia da teoria queer como uma concepção inovadora e perspicaz que traz pensamentos e ideologias diversificados e problematizadores, destacando, também, o fato de ser uma representação de uma minoria excluída que não almeja a permanência de uma sociedade centralizadora e normatizante, pois busca, em seu excentrismo, liberdade, ativismo, provocações e desafios e que, por ser inovadora, desviante, pervertida e rara, traz o estranhamento e a repulsa daqueles que se autodenominam “normais”. A escolha do termo queer para se autodenominar, ou seja, de um xingamento que pretendia denotar anormalidade, perversão e desvio, serve para destacar o compromisso de desenvolver uma análise da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 151).

De acordo com Louro:

Queer durante muitos anos funcionou como insulto, xingamento para sujeitos não heterossexuais: gays, lésbicas, transgêneros, travestis, entre outros. O interessante nessa história é que foram esses mesmos sujeitos que assumiram a palavra *queer* para identificá-los como bizarros, estranhos, esquisitos, mas fundamentalmente para representar ‘a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada’. Ou seja, perturbar, transgredir, desestabilizar é o mote dos sujeitos que se sentem *queer*. (2008, p. 296).

A ideia dos teóricos de usarem o termo queer representando raro, excêntrico, vem da situação de positivar a repulsa, a humilhação, a forma pejorativa com que os homossexuais são agredidos e insultados pela sociedade heteronormativa e centralizadora. Segundo Butler

(2002, p. 58), “queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos”.

Por sua vez, considerar os estudos *queer* na cultura brasileira é perceber como os outros e novos ex-cêntricos são peça fundamental na história e na memória coletiva de nossa sociedade, avaliando a relevância da presença dos que são inomináveis, a exemplo dos transexuais, travestis, transgêneros, e todos(as) possibilitados ao reconhecimento e ao poder de voz, mas, principalmente, sendo visados em suas diferenças. (GARCÍA, 2013, p. 51).

A política queer não aponta qualquer divisão; representa um apelo unificador à experiência comum de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, ou seja, a experiência do preconceito, do silenciamento, mas também que transgride, rompe com as normas heterossexistas. Desta forma, ser chamado de bicha, gay, sapatão, anormal, invertido configura preconceito e discriminação, porém transformar esta experiência em força de resistência é o objetivo da proposta original queer.

Erving Goffman declara que:

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo ‘menor’ socialmente. (1988, p. 34).

Goffman confirma a situação de “menor” socialmente do indivíduo homossexual que subverte a ordem de uma sociedade heteronormativa que o torna desacreditado, estigmatizado, depreciado e excluído conforme a conduta social normatizante e seletiva. Sendo assim, Joshua Gamson (2002, p. 151) relata que “a política queer [...] adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. Queer não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la”. Portanto, ser queer é ser marginal, mas esta marginalização é vista como fator positivo, pois o ideal queer, por assim dizer, proclama a diversidade de minorias sexuais que estão em desacordo com o dominante, o legítimo, o normativo. Portanto, as chamadas minorias sexuais (gays, lésbicas, travestis, bichas, transexuais, transgêneros) estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. A dominação que lhes é atribuída parece, contudo, bastante imprópria.

De qualquer forma, os pesquisadores conheciam a linha do construtivismo social, que formava a base dos estudos sobre sexualidade e gênero na teoria social canônica, mas

consideravam que as pesquisas sobre “minorias” sexuais tendiam a reforçar crenças hegemônicas e, no máximo, tinham criado subáreas disciplinares, o que mantinha a marginalidade do objeto nas teorias socioantropológicas. A oposição crítica a este contexto institucional e à forma como os estudos construtivistas serviam aos interesses hegemônicos reforçou, ao menos inicialmente, a tendência queer a priorizar a análise desconstrutivista de produtos culturais como estratégia para sublinhar a centralidade da sexualidade na vida social contemporânea. Miskolci afirma (2009) que apresentar a relação entre a construção de teorias dos estudos sobre sexualidade e gênero diante daquilo que é canônico e a desconstrução destes estudos diante de uma nova proposta que leva em consideração as minorias sexuais e de gênero em sua multiplicidade e diversidade sociocultural.

Em relação aos novos estudos das minorias de gêneros e sexualidades através da teoria queer, percebe-se a grande necessidade de representação das múltiplas e diversificadas minorias sexuais, compostas por um número complexo de especificidades e particularidades sociais, históricas, econômicas e, principalmente, culturais. Estas representam grupos menos favorecidos e excluídos da sociedade heteronormativa centralizadora em sua diversidade, pois englobam os sujeitos da sexualidade desviantes como os homossexuais, os bissexuais, os travestis, os transexuais, as drags. E como declara Guacira Lopes Louro:

As minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – gay, étnico, de gênero. Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro, setores tradicionais renovam seus ataques, realizando desde campanhas de retomadas de valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (2008, p. 28).

Dessa forma, Louro deixa claro que a teoria queer representa uma minoria, mas, vale ressaltar, que contém uma diversidade de classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade e etnia, apresentando uma situação de maioria devido a sua multiplicidade de especificidades e tipos excêntricos. A teórica explicita, também, que existem duas situações vigentes quanto à presença desta diversidade, pois alguns aceitam esta pluralidade sexual e consomem seus produtos culturais, porém outros se mantêm em atitude de repulsa e agressão devido aos valores tradicionais da sociedade preconceituosa e heteronormativa.

Devido ao fator de repulsa e da conseqüente marginalidade, a construção da identidade sexual se torna arbitrária, instável e excludente, uma vez que traz um silenciamento

de outras vozes subjetivas como as de travestis, transexuais, drags, bissexuais e transgêneros. A teoria queer não abandona estas identidades e experiências, propondo um significado permanente, aberto, fluido e passível de contestação, para que ocorra o encorajamento, o surgimento de diferenças e a construção de uma cultura diversificada e plural.

As minorias sexuais são vistas como abjetas. Abjetas por representarem o inominável, por estarem além das normas e das fronteiras do definível ou indefinível. “A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça a visão hegemônica e estável do que é a comunidade” (MISKOLCI, 2012, p. 24). Desta forma, a teoria queer sobrepõe a ideia de abjeção e requer a desterritorialização de todo tipo de normatização social que impera na sociedade heterossexista. A ideia é afirmar, positivamente, o caráter estranho, abjeto e ininteligível dos modos de vida e de práticas sexuais e de gênero minoritários. O alvo do discurso queer não é apenas o heterossexismo compulsório de nossas sociedades, mas, também, a interpretação do processo que normaliza a subjetividade dentro da instância sociocultural. Por isto, aponta não para um binarismo de gênero nem para o discurso heterossexista, mas para uma proliferação de minorias sexuais.

Segundo Louro (2007), de acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais, desde que permaneçam em segredo e sejam vividas apenas na intimidade: o que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim, todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas ou são motivo de escândalo. Na política de identidade que, atualmente, vivemos serão, pois, precisamente estas formas e espaços de expressão que passarão a ser utilizados como sinalizadores evidentes e públicos dos grupos sexuais subordinados. Sendo assim, trava-se uma luta para expressar uma estética, uma ética, um modo de vida que não se quer “alternativo”, mas que pretende, simplesmente, existir pública e abertamente, como os demais.

Sobre isso, a leitura de Pierre Bourdieu é importante para rever:

O rompimento com a invisibilidade que se dá com uma superação do gueto, e a constituição de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação

dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é. (2007, p. 554).

Bourdieu confirma a luta que os homossexuais travam contra a invisibilidade para obter uma superação diante da situação de minoria e de marginalidade, para se tornarem sujeitos ativos, detentores de voz e conseguirem alcançar liberdade, igualdade de direitos e serem vistos em sua plenitude de seres humanos, valorizando o que eles foram, são e serão nessa sociedade preconceituosa e normatizante.

Dessa forma, a teoria queer representa as minorias em suas excentricidades, promove sua pluralidade, colocando em prática uma cultura múltipla. Vale ressaltar, que é a cultura da minoria, dos marginalizados, porém, da maioria em riqueza e diversidade, que promulga a diferença através de distorção, transgressão, estranheza e ruptura. Permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das amarras da sociedade, mas, além disto, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. (LOURO, 2001, p. 550). Assim, promovendo sujeitos, como negros, mulheres, índios, gays, bissexuais, sapatas, bichas, travestis, transgêneros, drags, transexuais, que estão às margens e que se apresentam enquanto multiplicidade em prol da diferença.

1.3 OS ESTUDOS QUEER EM TERRAS BRASILEIRAS

Os estudos queer no Brasil surgiram na década de 90 influenciados pelos Estados Unidos e contam com trabalhos fundamentais de escritores como Denilson Lopes (UFRJ), Richard Miskolci e Nádia Peres Pino (UFSCAR), Berenice Bento e Tânia Navarro Swain (UNB), Mario César Lugarinho (USP), Larissa Pelúcio (UNESP), Guacira Lopes Louro (UERGS) e Leandro Colling (UFBA). Além dos teóricos e estudiosos acima citados, há uma significativa presença de Congressos, Simpósios, Encontros como os da Associação Brasileira dos Estudos Homocultura (ABEH), Fazendo Gênero, Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES), Desfazendo Gênero, Enlaçando Sexualidades, Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, entre outros, que contribuem para ratificar a necessidade de se discutir teorias e estudos voltados para gêneros e sexualidades. Há também os Grupos de Trabalho (GT) como o Homocultura e Linguagens, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), e grupos de pesquisa. Portanto, há uma pequena produção de eventos, artigos, ensaios, livros e revistas que discutem a presença e o desenvolvimento do queer no Brasil.

No país, os questionamentos e problematizações dos estudos queer adentraram, primeiramente, o ambiente universitário. Em terras brasileiras, a recepção da Teoria Queer se iniciou com a leitura da obra de Judith Butler na área dos estudos de gênero e sexualidade. O marco de nossa incorporação criativa do queer pode ser estabelecido em 2001, quando Guacira Lopes Louro publicou, na Revista Estudos Feministas, o artigo “Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação” no qual descreve os fundamentos dos estudos queer e seu uso na pedagogia. Deste momento em diante, surgiram novos estudos, pesquisas, produções e eventos voltados para o estudo de gêneros e sexualidades (MISKOLCI, 2011, p. 38), tendo a autora produzido diversos textos sobre o tema, lançando, em 2004, o livro *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer*.

Segundo Fernando José Benetti (2013), outros pesquisadores brasileiros desenvolveram estudos e produzem artigos e livros com a temática queer. Na década de 90, Tânia Navarro Swain teve contato com o queer, em seus estudos de pós-doutorado no Canadá, e daí em diante apresentou diversos trabalhos na área, fora do país e, principalmente, no Brasil. Swain declara, em seus textos, que pretende denunciar a heterossexualidade compulsória e promulgar a teoria queer. Mario César Lugarinho é outro pesquisador que introduz os estudos queer no país a partir de discussões e publicações de artigos em eventos e revistas, como “O corpo teórico queer”, “O corpo queer de Al Berto”. Em 2001, publica suas discussões sobre a teoria queer na Revista Gênero, com o artigo “Como traduzir a teoria queer para a Língua Portuguesa” em que retrata a tradução e a desconstrução do queer no contexto brasileiro.

Outro pesquisador que sempre esteve em contato com os estudos queer durante a década de 90 foi Denilson Lopes, que entrou em contato com o quer durante seus estudos de doutorado em Nova Iorque e, em seu retorno ao Brasil, teve grande interesse em divulgar seus conhecimentos sobre o queer no intuito de que os brasileiros contribuíssem com alguma ideia e perspectiva para o desenvolvimento de tal teoria, publicando artigos como “Manifesto Camp”, “Somos todos travestis”, “O entre-lugar das homoafetividades”, “Estudos gays: panorâmica e proposta”, além de publicar, em 2002, o livro *O homem que amava rapazes e outros ensaios* no qual retrata os estudos gays e lésbicos no Brasil e suas contribuições para o queer. Tem-se, ainda, Tomaz Tadeu da Silva que publica, em 1999, o livro intitulado *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo* no qual discute sobre as diversas formas de interpretar e desenvolver o currículo sendo uma delas, a partir da teoria queer. Por meio do texto “Uma coisa ‘estranha’ no currículo: a teoria queer” discute a fundamental importância dos estudos queer no currículo, no Brasil, estudo que,

posteriormente, foi ampliado por Guacira Lopes Louro em seu livro *O corpo educado: pedagogias das sexualidades*.

Por sua vez, têm-se os pesquisadores Larrissa Pelúcio, que fala dos estudos sobre transvestilidades e teoria queer e Richard Miskolci, que relaciona um cunho histórico da teoria queer no Brasil e fora do país, além de produzir diversos artigos que retratam os estudos queer, seus conceitos e fundamentos e, em 2012, lança o livro *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*.

A recepção brasileira da Teoria Queer tem se dado em um novo momento de inflexão de nossa política sexual, esse campo amplo e dinâmico de ação, reflexão e luta que envolve atores como o movimento social, a academia e o Estado. Assim, política sexual não se resume apenas a uma de suas frentes, como a de demanda de igualdade jurídica por meio dos direitos sexuais, antes a um conjunto de atores que dialogam e disputam sobre o estabelecimento de uma agenda de luta em meio a um contexto social dinâmico. O que está em jogo, portanto, não é o que define o 'nós' do movimento LGBT, este nós condenado historicamente a ser reinventado a todo o momento, mas qual o papel do movimento dentro do novo cenário da política sexual brasileira. (MISKOLCI, 2011, p. 38).

Pode-se, assim, perceber que a teoria queer faz parte das novas discussões da política sexual, porém é conceituada de forma errônea por muitos que se dizem pesquisadores dos estudos de sexualidades. Infelizmente, dentro do movimento LGBT brasileiro atual, poucos realmente leem ou se interessam pelas reflexões da teoria queer e acabam por colocá-la como abjeta, como ameaçadora para o movimento LGBT brasileiro. No entanto, os estudos queer se baseiam na:

[...] experiência subjetiva e social da abjeção como meio privilegiado para a construção de uma ética coletiva. Ao invés de celebrar o Orgulho Gay, propõe partir da experiência social da vergonha como meio para trazer ao discurso as formas como nossa sociedade construiu a fronteira entre a aceitação e o rechaço social com eixo na sexualidade (MISKOLCI, 2011, p. 39).

Eventos como o Stonewall 40 + o que mais no Brasil?, realizado em 2010, em Salvador, e o X Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual (ENUDES): Assimilação X Transformação: políticas da subversão e ciladas dos movimentos sociais, que aconteceu também em 2010 foram essenciais para o diálogo entre a academia e o movimento. Tais eventos discutiram o dilema da assimilação via normalização ou aceitação pelo reconhecimento das diferenças instalado no movimento social brasileiro (MISKOLCI, 2011,

p. 39), realizando discussões fundamentais no que tange ao movimento LGBT (identitário) e aos estudos queer, mostrando suas diferenças e controvérsias.

Ao se falar em movimento LGBT *versus* estudos queer no Brasil, observa-se uma divisão de grupos que contribui para a ampliação do preconceito e das diferenciações dos sujeitos pertencentes. Esta divisão entre “identitários” e “queer” pouco interessa ao resto da sociedade brasileira que só conhece um movimento, o LGBT. E o grupo LGBT teme o novo que está chegando, devido ao fato de a sua hegemonia poder ser desestruturada (MISKOLCI, 2011, p. 43). É relevante afirmar que poucos dentre os participantes do movimento LGBT se interessam em conhecer, ler, entender os estudos queer e isto acarreta um pensamento excludente e preconceituoso.

A proposta política queer não aponta para nenhuma divisão, antes é um apelo unificador à experiência comum de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outr@s, ou seja, a experiência da vergonha. Ser chamado, leia-se, ser xingado de bicha, gay, sapatão, travesti, anormal ou degenerad@ é a experiência fundadora da descoberta da homossexualidade ou do que nossa sociedade ainda atribui a ela, o espaço da humilhação e do sofrimento. Transformar esta experiência em força política de resistência é o objetivo da proposta original queer. (MISKOLCI, 2010, p. 10-11).

É importante salientar que essa divisão precisa ser superada de forma harmônica de modo a poder fortalecer os sujeitos que por ela são afetados e lutar contra as desigualdades, preconceito, exclusão e injustiças. Nos últimos anos, a academia tem produzido pesquisas que contribuem para a transformação das políticas públicas na educação, mas há necessidade de expansão destas pesquisas e que as ideias sejam concretizadas em prol da inclusão e da ruptura da normatividade promulgadora do preconceito e do silenciamento diante da diversidade social e cultural existente.

Os estudos do queer em terras brasileiras podem ser comprovados através dos diversos pesquisadores e escritores que discutem e promovem leituras que permitam questionar e potencializar o queer no Brasil. Artigos e livros que abarcam tais estudos são publicados e dentre estas produções, percebe-se que a leitura dos estudos queer em obras literárias vem concretizar seu uso na cultura e arte que são essenciais para o desenvolvimento e as discussões da temática por meio das ações e performances dos personagens apresentados.

Marcelino Freire, contista contemporâneo, representa, em suas narrativas, minorias, marginalizados, como as mulheres, os negros, os índios, os pedófilos, os gays. Destacando as representações dos gays nas obras de Freire, percebe-se que as minorias sexuais são representadas em sua diversidade, uma vez que o autor descreve personagens gays

variados como os travestis, os bissexuais, as bichas, os transexuais, os quais deixam claro atos e performances que transgridem, incomodam as normas pré-fixadas pela sociedade hegemônica e centralizadora.

A representação da diversidade de minorias sexuais nos contos do autor ratifica os ideais dos estudos queer, uma vez que promulga a diferença, diferença esta que expõe a diversidade de sexualidades buscando superar a perspectiva de identidade pré-determinada pela forma heterossexista e, também, pelos estudos gays e lésbicos, que acabou fixando identidades que normalizam e impõem regras. Desta forma, o queer propõe uma política pós-identitária que busca superar esta ideia de identidades pré-estabelecidas, expondo a diversidade diante da diferença de gênero e sexualidades.

Marcelino Freire (2011b) afirma que escreve para se vingar de preconceitos, de posturas subjugadoras e opressoras, deixando claro o sentido dos estudos queer, que desejam a transgressão, o rompimento, o deslocamento das normas que oprimem, discriminam, excluem, insultam. Com esta afirmação, ratifica seus ideais enquanto escritor no sentido de representar e dar voz aos marginalizados, às minorias que sofrem preconceito e opressão da sociedade. O autor expõe, em suas narrativas, o desejo de romper com as normas que ditam regras e oprimem os sujeitos desviantes, transgressores. Portanto, o objetivo do sujeito que transgride é permanecer nesta transgressão, posicionando-se enquanto sujeito marginalizado, excluído, para que possa promulgar a diferença e possibilitar a destruição da opressão, do preconceito, da homofobia, do racismo.

Outro fundamento do método queer a ser observado nos contos de Marcelino Freire é a representação do excêntrico, pois, em suas narrativas, é perceptível esta presença em personagens e performances que causam estranhamento, que perturbam, principalmente por configurar sujeitos que estão fora do centro, às margens, mas que persistem e se posicionam enquanto marginalizados que buscam transgredir, perturbar, provocar as normas regulatórias da sociedade que os oprime. Representar o excêntrico é fomentar vozes, através de um quadro de enunciação de personagens e da literatura, do estranhamento da realidade, da desconstrução do instituído que faz aflorar o imperceptível, o diferente. É pensar no outro que está fora, à margem do centro, provocando outro modo de pensar diante daquilo que é imposto pela sociedade.

Assim, será necessário um estudo crítico da literatura de Marcelino Freire que possa promover uma leitura da diferença de sua escrita. Desta forma, o segundo capítulo desta dissertação descreverá a fortuna crítica do autor, a relação de sua escrita com o homoerotismo e os possíveis questionamentos a serem observados dentro da perspectiva do queer diante da

representação do diferente.

2 MARCAS DA DIFERENÇA EM MARCELINO FREIRE

Na contemporaneidade, é comum a análise da escrita que representa anseios e desejos do autor/narrador que se coloca como personagem participante, ativo, construtor da trama, das ações. No caso de Marcelino Freire, possibilitar uma a sua escrita, uma vez que o autor expõe em suas narrativas, artigos, entrevistas, poemas e vídeos uma intervenção diante de seu modo de escrever, apresentando seus fundamentos, seus ideais, suas lutas, seus anseios, seus desejos.

Foucault afirma que é na escrita que o escritor se constitui sujeito e se coloca sob o olhar do outro. Escrever para si e para o outro representa uma prática que chamou de “cuidado de si”. Segundo ele, “é a própria alma que há de constituir naquilo que escreve”; “[...] escrever é, pois, ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (1992, p. 6; 8). Paulo César García, por sua vez, deixa claro que é importante refletir sobre como a ficção literária encena a ambiguidade entre o real e a criação artística,

[...] fazendo valer a relação próxima e distante com a realidade, com a imagem que irradia linguagens para significar a presença flexível do outro, sendo este (o outro) nutrido pelo operante estranhamento de si que a escrita do literário proporciona. Ao explicitar o pacto e os impactos decorridos dos sentidos da escrita de si, compreende-se a sintonia de ecos do narrador, do personagem com o autor. (2010, p. 28).

Freire representa em sua escrita um diálogo intertextual entre criação artística e realidade. Segundo Kristeva (1984), a intertextualidade não se resume somente ao diálogo entre textos, mas, também, na inserção da história no texto e do texto na história, isto é, na sua ambivalência. Ler um texto não é somente ler palavras, é também ler a sociedade na qual este está inserido. Assim sendo, a linguagem literária carrega uma duplicidade de sentido e dialoga com outros textos e com o contexto histórico, ou seja, uma intertextualidade:

Todas as palavras abrem-se assim às palavras do outro, o outro podendo corresponder ao conjunto da literatura existente: os textos literários abrem sem cessar o diálogo da literatura com sua própria historicidade, e a noção tem todo o interesse em tornar a crítica sensível à consideração da complexa relação que a literatura estabelece entre si e o outro, entre o gênio individual singular e o aporte intertextual e não puramente psicológico do outro. (SAMOYAULT, 2008, p. 21-22).

Marcelino Juvêncio Freire nasceu em uma família pobre e grande de nove filhos, em 1967, em Sertânia, sertão de Pernambuco, de onde saiu com dois anos de idade, com a

família, indo morar em Paulo Afonso, no estado da Bahia retornando, depois de alguns anos, a Pernambuco, passando a viver na capital. Tendo entre nove ou dez anos, leu no livro de escola de seu irmão mais velho, o poema “O bicho”, de Manoel Bandeira e sobre isto diz: “Pensei que queria fazer o que aquele cara fazia, queria ser poeta”. Aos dez anos, começou a fazer teatro, pois, como confirma: “O teatro deu muita força para o meu trabalho, para o meu texto” (FREIRE, 2010). Aos quatorze, quinze, dezesseis anos, montava seus próprios textos e apresentava em temporada nas escolas e em alguns teatros locais. Aos dezoito anos, produziu a peça infantil “A menina que queria dançar”, na qual contracenou com a atriz Patrícia França e devido a sua força de vontade e coragem conseguiu apresentá-la no principal teatro da cidade de Recife, o Teatro Santa Izabel. Esta peça fez a atriz ganhar o prêmio como atriz revelação e conseguiu garantir grande sucesso e vitórias.

Depois dessa peça, abandonou o teatro para se dedicar à literatura, uma vez que queria ser escritor. Estudou e chegou ao curso de Letras. Largou o trabalho de bancário para se dedicar a conhecer escritores pernambucanos. “Eu queria interlocutores, queria um diálogo, queria saber como o meu texto batia no ouvido do outro”, afirma Freire (2010). Em 1991, recebeu um convite para se mudar para São Paulo onde a sua carreira literária foi impulsionada pela mesma inquietação de Pernambuco. Reuniu novos escritores para trocar ideias, incentivar pequenas editoras, publicar livros e organizar antologias. Por este caminho, acabou por afirmar a existência de uma nova geração literária. Começou a fazer reuniões com escritores paulistas como Marçal Aquino, Fernando Bonassi, Glauco Matoso, também, João Alexandre Barbosa, Evandro Affonso Ferreira, dono de sebo que o auxiliou nesta jornada.

No ano de 1995, lança seu primeiro livro, *Acrustico* e, em 1998, publica o livro de aforismos *EraOdito*. Em 2000, lança *Angu de sangue*, seu primeiro livro lançado por uma editora, a Ateliê. Em 2002, faz uma coleção chamada “5 Minutinhos” e, no ano de 2003, lança o livro de contos *BaléRalé*, ainda pela Ateliê. Em 2008, publica o livro de contos *Rasif, mar que arrebenta*, pela Record e, em 2010, lança seu mais atual livro de contos, *Amar é crime*, pela editora Edith. Além dos livros, em 2004, Freire organizou a antologia de contos *Os cem menores contos brasileiros do século*, pela Ateliê, participou de escritas com Nelson de Oliveira, organizou as antologias *Manuscritos de computador* (2001) e *Os transgressores* (2003) e, em 2003, a PS SP, revista de São Paulo. Em 2005, Marcelino começa a realizar a Balada Literária, em Vila Madalena, em São Paulo, onde consegue reunir novos escritores brasileiros e estrangeiros em prol do desenvolvimento da leitura, da cultura, da Literatura. Sendo assim, Freire é considerado um “agitador cultural” por promulgar a literatura e a

cultura brasileira para que novos escritores sejam conhecidos, lidos e estudados e, também, para que novos leitores sejam cativados. Dessa forma, Freire (2013a) ratifica:

Eu adorei uma expressão que um escritor amigo meu, Jomard Muniz de Brito, me disse: eu não sou um agitador cultural, sou um AGITADO cultural. Eu achei isso ótimo! Tenho essa agitação em mim, sempre fiz isso para não me sentir pequeno, menor. Porque a gente tem tudo contra a gente: não temos dinheiro, não temos tempo, é muita coisa que a gente não tem. E eu tenho dificuldade em acreditar que o escritor é só essa figura que se isola, que escreve um livro e já resolveu. Acho que temos que lembrar que somos escritores contemporâneos, e estamos num país em que se lê muito pouco e onde muitos escritores morreram esquecidos.

A vida e a escrita de Marcelino Freire permitem uma leitura de persistência, rupturas, progressão e superação, por ser um escritor nascido no interior do sertão nordestino, filho de família pobre, que consegue alcançar, de forma simples e persistente, seus anseios e o incessante desejo de ser poeta. Ser poeta para Freire é transgredir, gritar, transformar, renovar, desordenar, deslocar, perturbar a cultura normatizante e permitir que os marginalizados tenham voz e possam voar, voar e voar.

A literatura de Marcelino Freire descreve ações e sujeitos que estão fora de ordem, que são referências para questionar histórias que, dentro do contexto social, ilustram modos de convivência regradados pelo poder centralizador e pela heteronormatividade. Assim, pergunta-se: a escrita de Freire possibilita um diálogo entre realidade e ficção? qual a relação de sua escrita com o homoerotismo? qual o ideal queer para construir e constituir o diferente? Desta forma, este capítulo pretende questionar o conto contemporâneo, a escrita de Marcelino Freire, perceber seus ideais de escritura e detectar o variado discurso a respeito da diferença, da transgressão, do deslocamento.

2.1 O CONTO CONTEMPORÂNEO

O conto contemporâneo se caracteriza pela brevidade, rapidez, velocidade, porém se apresenta de forma densa e consegue expressar o cotidiano amplo, múltiplo e inesperado da sociedade, que busca narrativas curtas capazes de sintetizar seus anseios e desejos diante da complexidade da vida. Sendo o conto uma forma de retratar a vida por meio da arte, a velocidade e a pressa são elementos que representam tanto o leitor como o ficcionista contemporâneo. Estes e outros elementos têm proporcionado, na atualidade, um crescente interesse pela busca de uma literatura que contemple e exponha os aspectos fugazes que o

caráter da sociedade atual aponta a cada instante, sociedade que comporta um cenário de mudanças e transitoriedade, em que a narrativa curta ganha cada vez mais destaque e importância ao corresponder às expectativas dos leitores contemporâneos que encontram no gênero conto, uma história breve, mas que expressa, de forma densa e intensamente, cenas do cotidiano que se direcionam a um epílogo coerentemente inesperado (SOUZA; FERNANDEZ, 2010).

Logo, uma característica fundamental do conto, na contemporaneidade, é a rapidez, uma vez que o homem contemporâneo tem pressa e, nesta correria de vida, dá preferência às narrativas curtas por representarem, de forma complexa e densa, esta velocidade, que pode se justificar pelo fato de o mundo estar cada dia mais tecnológico e digital e as informações cada dia mais velozes. Desta forma, Ângela Maria de Arruda diz:

O que retrata um aspecto comum ao conto contemporâneo e aos meios de comunicação de massa – a rapidez. O homem contemporâneo vive apressadamente e não tem tempo ou até paciência para ler longas histórias ou até assistir a um programa inteiro de televisão. (2004, p. 69).

O gênero conto traz à tona a realidade do homem contemporâneo, que vive em uma sociedade tecnológica exigente e competitiva e, por conta disto, é necessário ser mais prático, ágil, veloz, o que requer informações mais objetivas e rápidas, para que se acompanhe a velocidade do mundo. Por sua vez, Ítalo Calvino afirma:

A rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade, desenvoltura; qualidades estas que se combinam com uma escrita propensa às divagações, a saltar de um assunto para outro, a perder o fio do relato para reencontrá-lo, ao fim de inumeráveis circunlóquios (1990, p. 59).

Essa ideia de rapidez e velocidade que vem representada no conto contemporâneo, o contista Marcelino Freire, em entrevista sobre sua obra *Rasif, mar que arrebeta*, deixa claro ao afirmar: “De fato, escrevo curto e, sobretudo, grosso. Escrevo com urgência. Escrevo para me vingar. E esta vingança tem pressa. Não tenho tempo para nhenhens. Quero logo dizer o que quero e ir embora” (FREIRE, 2008).

A escrita de Marcelino apresenta características de contos contemporâneos como a atualidade, a proximidade e a brevidade. A atualidade está relacionada ao diálogo com a realidade de seu tempo, uma vez que descreve personagens que estabelecem discursos contrários à sociedade hegemônica que centraliza e dita as regras. Com a proximidade, são

expostos recursos capazes de gerar uma aproximação com o leitor, através de narradores-personagens que dialogam com estes os quais encontram na literatura seus desejos e anseios. A brevidade se dá pelo fato de o autor preferir microcontos, contos curtos, conseguindo representar a atual realidade tecnológica que busca na literatura concisão e brevidade.

O conto, por ser uma narrativa curta, permite uma leitura rápida, sem recortes, o que possibilita um entendimento denso e aprofundado no texto literário que enuncia/constrói com mais ênfase, dando visibilidade ao que e como enuncia.

Segundo Júlio Cortázar (2006, p. 132), “na medida em que o romance acumula, progressivamente, seus efeitos no leitor [...] um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua, desde as primeiras frases. [...]”. O contista sabe que não pode proceder cumulativamente, que não tem o tempo por aliado, o que é confirmado por Temístocles Linhares quando diz que “a condição prévia e indispensável, às vezes suficiente no conto, é bem esse ‘flash’. A virtualidade de provocar semelhante recurso, de fazer fulgurar tal jato de luz imprevisto, eis o primeiro dom do contista” (1973, p. 43).

O contista “sente necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que seja significativo”, assim, no conto, somente o essencial e o indispensável ganham espaço, através da “eliminação de tudo o que não convirja essencialmente para o drama”, segundo Cortázar (2006), para quem o conto deve estalar, pulsar no leitor a cada nova linha, sendo capaz de instigar, emocionar e proporcionar uma “ruptura do cotidiano”, quebrando sua moldura, transgredindo seus limites e possibilitando ir para além da escrita. Freire, em uma de suas entrevistas, afirma que, na escrita de um conto:

O que acontece muito é que as pessoas querem publicar, não querem escrever. Quando elas percebem que escrever requer leitura, treino, disciplina, entrega, um encontro com a sua voz, aí algumas se assustam, desistem. As pessoas também acham que precisam de um vocabulário elevado, pensar em palavras como ‘efêmera’, ‘inefável’, ‘leve brisa matinal’, ‘orvalho’. Nunca vi gostar tanto de ‘outono’! [risos] Nós não temos outono! De onde vem esse outono? Eu digo: ‘Eu quero a tua palavra! Qual é a tua palavra?’. O poeta inaugura um olhar para as coisas, e eu quero que as pessoas consigam lançar esse olhar. (FREIRE, 2013).

É da vida corriqueira, das falas e ações do cotidiano que Freire se utiliza para descrever em seus contos, como ele mesmo afirma, “cantos”, “improvisos”, “cirandas”, que perpassam a ideia de norma pré-determinada pela estética literária.

O que eu escrevo, na verdade, é música. Escrevo rimado, cheio de som, de ritmo, então eu preciso de uma primeira palavra (e essa primeira palavra eu

colho na rua). Estou ali em um ônibus, aí escuto uma frase e digo: ‘eita, isso dá um conto maravilhoso’. Não sei qual é o conto que vai dar, mas guardo aquela frase na minha memória para poder trabalhar com ela. Às vezes, na televisão, uma pessoa diz uma coisa e eu penso novamente: ‘isso aí dá um conto’. Não sei qual, mas vou lá, como alguém que compõe uma música, coloco aquela primeira frase no papel e vou trabalhando. Às vezes está numa manchete de jornal, em um livro que não tem nada a ver (de antropologia ou de biologia). Às vezes vejo uma palavra bonita e quero fazer algo com ela. E meio que vai no repente, no improviso. (FREIRE, 2011a).

Freire se utiliza de situações do seu dia a dia para produzir seus contos, “cantos”: é uma cena da rua, uma cena que passa na televisão, uma palavra/frase ouvida por onde passa, uma manchete de jornal, um cena de um livro qualquer. Sendo assim, seus contos breves e curtos são escritos meio que no improviso, mas expõem a riqueza e a multiplicidade de ações e personagens deslocados, que possibilitam a desordem das normatizações sociais e culturais.

Eu escrevo porque dói, porque quero me vingar de algo. Descarregar um peso, inaugurar um olhar, uma revolta. Essa verdade com que escrevo é a mesma verdade com que o leitor lê. Sem disfarces, sem delongas. A vida como ela é. Meus temas são arriscados, fronteiraços. (FREIRE, 2011b).

Marcelino confirma, em seu discurso, que sua escrita expõe a realidade vivida pelo leitor, sem disfarces, sem rodeios. Ele discute em seus contos temas provocantes, que rompem com a hegemonia centralizadora e dominante, o que remonta ao queer, por ser uma temática arriscada, fronteiraça que possibilita uma visão de deslocamentos e rupturas em relação às normas pré-determinadas na sociedade hegemônica e centralizadora.

2.2 O ECOAR DE VOZES

Marcelino Freire se destaca enquanto escritor de livros de contos e, durante todo o seu percurso como produtor, conseguiu reunir uma obra irônica, performática, destacando as minorias, os marginalizados (negros, mulheres, prostitutas, gays, pedófilos) de forma a abalar as estruturas estáveis e fixas existentes na sociedade da hipocrisia, do preconceito, da exclusão, do racismo, da homofobia.

Seu primeiro livro, *Acrústico* (1995), foi renegado pelo próprio escritor, por trazer treze contos muito oralizados, como o próprio título sugere, intercalados por epígrafes que são trechos de letras de músicas. Livro de linguagem simples, que promove um contexto de musicalidade, tão presente no cotidiano das pessoas.

Em *EraOdito* (1998), livro de poemas visuais, o autor brinca com os ditados populares, encontrando neles acrósticos incrustados. Desta forma, reforma e deforma estas frases feitas, delas tirando poesia e contradições. Célebres frases, já caídas no domínio público, servem de molde para a criação. É um livro provocante, iconoclasta e estimulante. As possibilidades semânticas apresentadas levam a caminhos ainda não percorridos ou fazem andar na ordem inversa do que costumeiramente se está acostumado a andar.

Angu de Sangue (2000) é um livro composto por dezessete contos intercalados por figuras macabras que misturam o verde e o vermelho para gerar choque, incômodo. As temáticas giram em torno de problemas sociais: os personagens são prostitutas, mendigos, loucos que são violentados pelas dores e frustrações de uma sociedade injusta, que os estigmatiza. O autor aborda a realidade dos conflitos urbanos sem demagogias, escapando de uma armadilha comum da ficção social: o sentimento da miséria.

A coleção *5 minutinhos* (2002) foi uma tiragem gratuita de pequenos e breves textos para as pessoas que não gostam de ler. Foi produzida para ser lida no ponto de ônibus, no salão, no intervalo da novela, no consultório, enfim, nos mais diversos locais do cotidiano. O projeto reunia nomes como os de João Gilberto Noll, Moacyr Scliar, Manoel Barros, Glauco Mattoso, Fabrício Carpinejar, todos com um texto inédito.

Em *BaléRalé* (2003) se encontra dezoito improvisos, como o autor preferiu chamar, com uma temática mais direcionada para o tratamento das questões de afetividade gay. Este livro deu visibilidade ao autor e acabou gerando um contrato com uma das maiores editoras brasileiras, a Record.

Na obra *Contos Negreiros* (2005), tem-se dezesseis contos que abordam temas polêmicos como racismo, turismo sexual, tráfico de órgãos e homossexualidade. A paisagem urbana é o cenário principal de suas narrativas. Paisagens de centros urbanos como Recife e São Paulo, como zonas de prostituição, morros, favelas e pontos turísticos se tornam palcos para a exposição de uma realidade complexa e miserável, vivida por prostitutas, bichas, negros, índios, traficantes de órgãos e de drogas e turistas sexuais. O livro rendeu a Freire o Prêmio Jabuti de 2006, na categoria Contos.

Rasif, mar que arreventa (2008) é formado por dezessete contos, ou melhor, “cirandas, cirandinhas” (assim o autor as nomeou no índice), que têm Recife-PE como ponto de partida para pensar o mundo e faz um percurso até a realidade da Arábia com suas guerras e conflitos. Em Recife e Arábia se vive amores, desejos, estilhaços, guerras, explosões. São travestis, pedófilos, miseráveis indignados, assassinos militantes, gays passionais, pais indignados, crianças cruéis. Afasta-se do clichê, da pobreza sofrida e explorada, seus

personagens não revidam o que enfrentam, revelam suas carências, são impiedosos e cínicos. Marcelino Freire os constrói por meio da ironia. (TEIXEIRA, 2008).

Outra importante obra de Marcelino Freire é *Amar é crime*, lançada em 2010, pela Editora Edith. Segundo Adenize Franco e Sandriele da Rocha:

O livro é dividido em 14 capítulos, intitulados ‘pequenos romances’. Explica-se: nos outros livros do autor, uma das características predominantes era a concisão dos contos, e neste caso, suas narrativas ganham mais fôlego e há contos com até oito páginas. Esse prolongamento de algumas narrativas é justificado pela necessidade constante do escritor de ‘experimentar novas possibilidades, de abrir a língua para outras vertentes, de tentar chegar ao mundo de um jeito diferente’. Essa nova aventura de Marcelino é pautada por acontecimentos corriqueiros, como os frequentes ataques homofóbicos, a efemeridade dos relacionamentos amorosos, o amor alimentado pelo dinheiro, a recorrência de crimes passionais, enfim, toda essa gama de sentimentos é vivenciada pelos seus personagens que sofrem na pele a violenta transformação do amor em morte. (2011, p. 6).

Depois de se destacar como escritor do gênero conto, Marcelino Freire lança, em 2013, seu primeiro romance, *Nossos ossos*, pela Editora Record, que representa uma obra autobiográfica quando apresenta a história de Heleno de Gusmão, narrador do romance, um dramaturgo de sucesso que tem por volta de 60 anos. No começo da trama, ele tenta resgatar, no necrotério, o corpo de um jovem amante misteriosamente assassinado para levá-lo de volta para a família, que vive em Poço do Boi, interior de Pernambuco, uma jornada cheia de mistérios e descobertas de Heleno, por onde desfilam michês, atores, policiais, travestis e taxistas, que acaba por compor um retrato um tanto vivo da vida paulistana. (ALMEIDA, 2013).

Na escrita de Freire, destaca-se a sua incessante necessidade de representação daqueles que estão nas margens, nos guetos, nas periferias. São representações de sujeitos esquecidos e excluídos pela literatura os quais apresentam voz e passam a gritar para que sejam percebidos enquanto seres humanos. O autor usa a ironia, o sarcasmo para destacar a realidade nua e crua em que vivem os oprimidos e silenciados. Maria de Lurdes Baldan ratifica:

O que podemos pensar, com a leitura sistemática da obra de Marcelino Freire, é que ela constrói uma espécie de subgênero narrativo, na medida em que apresenta opções temáticas específicas que criam reflexos nos tipos de estratégias narrativas adotadas. Há uma modalidade de narração recorrente na obra do autor, configurando um tipo de narrador que mimetiza uma espécie de diálogo imaginário, uma fala responsiva que cria um efeito de oralidade como uma mímica a dominar toda a diegese. Há um caráter

performático nos contos, que cria uma persona narrativa que responde, com braveza, dor e ironia, a uma peleja imaginária, cujo emissor seria o mundo inclemente em que vivem os desvalidos. (2011, p. 72).

Franco e Rocha (2011, p. 6) afirmam que “Marcelino Freire mantém seu estilo inquieto, a sua literatura ritmada e urgente, repleta de ironia e musicalidade, com histórias banhadas pela oralidade e pelo trágico, elementos constantes em suas narrativas”. Flávia Heloísa Unbehaum Ferraz confirma:

As imagens e situações dos narradores-personagens de Freire são construídas pelo leitor não só pela mensagem de cada discurso, mas também pela maneira como estes discursos são construídos: rememoração, pausas, repetições, gírias e palavrões ajudam a localizar socialmente cada personagem e a dar dimensão ao tipo de violência que vivenciaram. (2009, p. 33).

Segundo as ideias de Ferraz, a escrita de Freire tem como forte característica a oralidade, que promove a aproximação da narrativa com a linguagem, a fala do cotidiano do leitor e acaba por caracterizar seus contos como cantos, uma vez que o autor se utiliza das rimas, ritmos e repetições para aproximá-los, ainda mais, do dia a dia, daqueles que estão às margens e que vivenciam a dura realidade da vida. Segundo Ivan Marques (2010, p. 13): “Oralidade: eis a palavra-chave. A literatura de Marcelino Freire é erguida sobre falas, frases roubadas, pedaços vivos do cotidiano e da matéria social brasileira”, como descreve o próprio autor:

Eu escrevo em voz alta, sim. Gosto da palavra falada. Como lhe disse, escrevo a partir de uma primeira frase que ouvi por aí. Não tenho história para contar. Tenho um som para rimar. Vou construindo a história a partir de um mote. O que faço é música, costume dizer. Embolada. E eu comecei a minha trajetória escrevendo para teatro. Gosto muito do teatro. Quando escrevo, imagino sempre um ator em cena. Eu penso muito nisso. Na palavra lançada, dita para ser ouvida. E eu leio e releio muito o que escrevo. Em voz alta, pela casa. Quando algo não está claro, o ouvido denuncia. E aí eu mudo, modifico o parágrafo. Eu adoro ler os meus contos em público. (FREIRE, 2008).

Assim, a oralidade característica de seus contos/cantos “marca a cessão da voz narrativa, em discurso direto, aos personagens enfocados em cada conto, numa espécie de dramatização radical: a voz que narra é a mesma que sofre (em todos os sentidos) o narrado”, segundo Maria de Lourdes Baldan, que acrescenta: “uma fala dramatizada que supõe a presença de um leitor ‘coator e coautor’ do conhecimento que se cria da/na linguagem. E uma

fala que se oferece à performance, quase como uma fala dramatúrgica à espera da interpretação do ator” (2011, p. 73; 74). E essa voz dentro do texto consegue ecoar indignações e lutas que buscam desafiar o centro dominante. Voz direta, sem demagogia, que reclama, na busca de seus direitos, para garantir sua sobrevivência: “Eu escrevo de ouvido... Eu escrevo com o corpo inteiro. Nunca conto uma história, eu ‘componho’ uma história, entende? O quanto há de ator no Marcelino Freire? Sou apaixonado por teatro” (FREIRE, 2013b). Continua Baldan:

A oralidade serve, ainda, a um efeito realista na obra de Marcelino Freire, naquele tipo de realismo que se constrói a partir do comprometimento com a representação da vida social, com ênfase nos problemas do tempo presente, por meio de um balizamento da estatura das personagens, segundo as medidas do homem comum, e não na bitola de heróis extraordinários, de estatura sobre humana. Mais do que o homem comum, do homem que não costuma ter voz e que, portanto, é falado pelo outro, segundo os valores e esperanças do outro que o vê. E a voz que ressoa desse homem comum é uma voz desconfortável, que desacomoda os saberes cristalizados por séculos de vozes direitas, brancas e razoáveis. (2011, p. 79).

Marcelino dá preferência, em seus contos, ao discurso em primeira pessoa, que traz um tom testemunhal e configura a realidade nua e crua da sociedade. São vozes que precisam ser ecoadas, gritadas, de forma que possam ser ouvidas, sentidas, repetidas, para que aconteça a provocação, a destruição daquilo que é imposto pelo poder, pela hipocrisia, pela ganância, pelo *apartheid*. Baldan confirma:

São todos contos pequenos, rápidos em extensão e andamento. Na maioria deles, a voz em primeira pessoa. A fala responde a um questionamento que não aparece, como não aparece o interlocutário a que o interlocutor se refere. Os contos/resposta lembram, pelo tom encolerizado, a expressão que resulta de uma dolorida provocação. São expressões que, compostas dentro do suporte corpo, espalham indignação pelos espaços até onde a voz consegue ecoar. São passadas de boca em boca, de ouvido em ouvido, de corpo em corpo. (BALDAN, 2011, p. 73).

A narração em primeira pessoa, na maioria dos contos de Marcelino, expõe um tom de denúncia social. Sua escrita tem como fator principal a preocupação em dar voz às personagens indesejadas da sociedade, respeitando a oralidade da fala de personagens reais, que são representados sem máscaras, sem rodeios, sem maquiagens. Para falar de diferentes personagens sociais, Freire se coloca na posição do outro de forma a possibilitar uma conexão entre a ação e a linguagem que define cada personagem, narrando, em suas escritas, negros, mulheres, índios, gays, entre outros marginalizados, que são porta vozes do seu próprio

discurso e sujeitos ativos de suas próprias ações. Também opta por produzir textos curtos e dinâmicos, de leitura rápida, para que sua mensagem seja apreendida de forma eficiente e possibilite uma compreensão eficaz de suas reais intenções enquanto escritor que transgride os limites determinados pela sociedade.

As imagens reveladas pelos narradores-personagens são elaboradas não só pela mensagem de cada discurso, mas, também, pela maneira como estes discursos são construídos: lembranças, pausas, repetições, gírias e palavrões ajudam a localizar socialmente cada personagem e a dar dimensão ao tipo de violência que vivenciaram. Desta forma, o relato ficcional de prostitutas, negros, gays, marginais e outros excluídos sociais podem ser tomados como discursos individualizados que tratam de questões coletivas relacionadas ao âmbito socioeconômico. (FERRAZ, 2009, p. 33).

É importante frisar a utilização de traços da fala nas escritas de Freire em que o uso de gírias, repetições, pausas, palavrões e a musicalidade transmitem uma maior veracidade aos fatos, ações e desejos, além de representarem uma linguagem próxima à realidade dos personagens ficcionais/reais em seus enredos, personagens que se utilizam da linguagem simples, informal, coloquial, sem rodeios, sem floreios, de forma a confirmar a ideia de sua permanência enquanto sujeitos marginais e não hegemônicos. Seus contos oferecem muitas formas de interpretação e reflexão, pois seguem a mesma linha de provocação ao leitor: os testemunhos de suas personagens abrem questões originadas nas mais diferentes formas de violência social e, embora sejam difíceis de serem respondidas, precisam ser pensadas. Talvez por isto suas personagens narradoras geralmente não se apresentam (construímos sua *persona* pelas imagens que visualizamos no decorrer de sua fala) e, geralmente, desconhecemos seus nomes. Os nomes são desconhecidos como representação dos sujeitos silenciados, que estão à margem, que representam o diferente, o excêntrico. Mas Freire não quer falar de um homossexual específico, de um determinado negro explorado, de uma prostituta em particular: quer falar de mulheres e homens em geral, Ferraz acrescenta que:

A maneira como Freire coloca e discute essas questões, a nosso ver, não banaliza o sujeito representado, nem compactua com a estética da pobreza no modo como a mídia a (re)cria, pois põe em evidência a voz e o testemunho do marginalizado. Ao concentrar seu esforço na recriação da fala de personagens socialmente possíveis, Freire incita nossa predisposição a realmente ouvir o que estas personagens teriam a dizer. [...] Não raro Freire declara em suas entrevistas que seus contos não devem ser lidos em silêncio, mas em voz alta. Embora seus personagens não se diferenciem de tantas outras (aliás, a falta de nome poderia fazer com que elas simplesmente

desaparecessem na multidão), é pelo recurso do testemunho e da oralidade que estas personagens ganham relevo social e histórico. (2009, p. 35).

Marcelino Freire volta seu olhar para aqueles que vivem à margem da sociedade, invisíveis aos olhos de muitos, e revela, em suas histórias, o grito de socorro, revolta ou desabafo, as tentativas de expressão e resistência. Sendo assim, percebe-se que “as vozes narrativas desses contos são, quase em sua totalidade, vozes de personagens que são restos (no sentido literal e figurado) da experiência rural, estilizados pela forçada adaptação ao universo, também ele, estilizado e violento da existência urbana” (BARBOSA, 2001, p. 12).

Liana Aragão esclarece que:

Os preconceitos – rompidos ou expostos – ultrapassam questões de cor e se escancaram em relações colonizatórias, dirigidas a mulheres, gays, pobres etc. E é inovador o modo como Marcelino não somente expõe, mas também deixa que o leitor sinta a sua incapacidade de narrar a realidade espedaçada que vê, lê, assiste, vive. Ele subverte a tão recente lógica do texto ‘politicamente correto’ e transgride, pelo menos no espaço do conto, seu papel de autor, quando se veste ou se traveste de negro, de negra, de viado, de pobre, de humilde. Sem medo de uma crítica puritano-moralista, deixa fluírem seus preconceitos, suas visões parciais, seus recortes. Ao mesmo tempo, não sugere ao leitor uma relação pacífica com essa realidade; incita, cutuca, inflama... (2005, p. 161).

Dessa forma, percebe-se que a grande relevância da escrita de Marcelino Freire é o ecoar das diversas vozes que são silenciadas na sociedade, é tratar escrachadamente com os estereótipos não de modo a reforçá-los, mas a fazê-los gritar, chamar, a todo instante e de modo violento, a atenção do leitor. O autor tem total consciência daquilo que escreve e para quem escreve, uma vez que traz uma reflexão sobre a pseudorealidade que dissemina aquilo que precisa ser encarado como normal, como correto, como verdade. Freire promove a inclusão daqueles que estão à margem, silenciados, pisoteados, violentados, estraçalhados pelo poder que os exclui, podendo, assim, a diversidade e o ecoar de suas vozes. Sendo assim, a escrita de Marcelino possibilita uma discussão diante da necessidade de isonomia de direitos em prol do diferente: “Por meio da escrita, eu me vingo das injustiças que vemos, como os ataques homofóbicos, por exemplo” (FREIRE, 2012).

2.3 A ESCRITA DA DIFERENÇA

Escrever bonito é uma merda. Não queira esse elogio de ninguém. Loa tipo essa: você escreve tão bem. Você nos toca. Ave nossa! Fuja dessa mentira. Dessa falácia! Não procure palavras gloriosas. Maquiagens pesadas. Botox

nas frases. Bom é verbo velho. Enrugado. O peso exato de cada parágrafo. Nem mais nem menos. Fique longe, sempre digo, de qualquer sentimento. Releia, agorinha, aquele seu conto. Ponto por ponto. Se, aqui e ali, você parar a leitura para suspirar. Jogue fora o suspiro. Tudo que for adjetivo elevado. Enganoso. Xô, ao lixo! Não presta para a poesia, o que é cerimonioso. Solene. Também não invente termos acadêmicos. Gregos pensamentos. Arrodeios na língua. Lembre-se: todo livro nasce falido. Raquítico. Você critica tanto o discurso político. E faz o mesmo na hora de escrever. Usa gravata para parecer ser. E não fica sendo, nem um toquinho parecido com você. Esta pobre imagem que avistaram no espelho. Antes de morrer. (FREIRE, 2012).

Marcelino declara que a escrita perpassa a ideia do belo, da língua rebuscada, das normas, dos elevados adjetivos, das maquiagens, dos rodeios, das mentiras, das máscaras, dos elogios, dos suspiros, das regras, do centro, das elites, dos dominantes. Desta forma, sua escrita descreve a dura realidade cultural e social dos marginalizados, dos subalternos, das minorias, dos excluídos. Suas obras reivindicam o que é/foi recusado pela sociedade injusta e opressora. Diante dos ideais de ruptura de normas e regras, do deslocamento do centro e da representação das minorias descritos por Freire, percebe-se que o autor expõe, em sua escrita, pontos norteadores do queer.

A escrita de Freire expõe as diferenças, a multiplicidade excêntrica, por meio do uso frequente da oralidade e da ironia para representar suas angústias e inquietudes diante de uma sociedade que urge por mudança, transformação e ruptura. Seus personagens são “o retrato dos excluídos sociais que mesmo relegados às margens da sociedade não deixam de representar o desequilíbrio social como um todo; cada uma de suas personagens representa um elo incômodo entre ficção e realidade” (FERRAZ, 2009, p. 33). São leituras que necessitam serem feitas em voz alta, buscando o próprio ecoar de uma sociedade abafada, negada, silenciada. É a voz do queer que entra em cena, mais uma vez, por meio do desconforto, do incômodo, que desloca o normatizado pela sociedade, ao longo dos tempos. Desta forma, remonta-se à ideia de Schøllhammer (2009, p. 10) que afirma que, na literatura contemporânea, é necessária a representação da atualidade, por uma inadequação, uma estranheza histórica que busque perceber as zonas marginais, os excluídos, os silenciados, que se afastam da lógica, das normas. Sendo assim, o queer se refere a indivíduos que se sentem marginalizados pelas percepções de sexualidade predominantes, que lutam pela igualdade e para dismantelar a fobia institucionalizada.

Esses aspectos conferem atualidade à obra de Freire. O autor se utiliza do discurso de movimentos sociais, fazendo frente às manifestações racistas, machistas, agressivas e sua escrita propõe ações que descrevem o contrário. É como se protestasse, também, contra a

passividade destes discursos. Para um escritor que quer gerar movimento e incômodo, o importante é buscar romper com o discurso dominante que promulga a injustiça, a exclusão, a desigualdade, o desrespeito entre os sujeitos. A polêmica e o desconforto são buscados e permitida a sua interseção para que possam deslocar o poder hegemônico centralizador e dominante.

A obra de Marcelino Freire confronta ação social e realidade cruel, tem marcas e posicionamentos bastante dialéticos. Conforme Liana Aragão Vasconcelos (2007), as temáticas tendem a ser aquelas que enfocam as disparidades sociais e seus personagens são os miseráveis – aqueles com baixa renda ou os marginalizados (bandidos, loucos, velhos, bichas), o que o próprio Freire ratifica:

Na verdade, não são temas escolhidos por mim. Não sei bem dizer. É a forma de eu enxergar. Esse mundo pobre, doente, em que vivemos, sobrevivemos. É o mundo que temos. É a minha literatura não consegue fugir disto. A minha literatura está afetada por isto. Eu queria muito tratar de outros assuntos. Mas, quando vejo, um personagem vem gritar no meu ouvido. Sangrar à minha porta. Eu costumo dizer que eu escrevo para me vingar. De uma saudade, de um governo, de uma família. Eu preciso exorcizar alguma coisa. Não consigo ser um escritor frígido. (FREIRE, 2008).

Vasconcelos ratifica que “em entrevistas, o autor declara que escreve para se vingar. De preconceitos, de posturas subjugadoras, opressoras” (2007, p. 87), relatando sua preocupação de causar desconforto, de se vingar, ou seja, fugir da apatia social e do discurso dominante imposto pela verdade hegemônica da sociedade preconceituosa e opressora para representar os sujeitos marginalizados e excluídos. Ele próprio declara: “Eu quero, no que eu escrevo fazer o que fizeram os artistas que admiro. Jogaram merda no ventilador. Eu quero dar a minha contribuição ao desconforto” (FREIRE, 2006). Sendo assim, é possível pensar neste desconforto, nesta vingança, neste exorcismo enquanto representação do queer, uma vez que ser queer é provocar o desconforto daquilo que é imposto pela sociedade normativa, exorcizar o racismo, o preconceito e a homofobia no intuito de dar visibilidade às minorias e à pluralidade de gêneros que permeiam a cultura e a sociedade. Eduardo de Araújo Teixeira ratifica que “em seus contos, o marginal, o periférico, o excluído, o excêntrico, o desviado [...] são postos sob um foco central que lhes confere visibilidade; assim singularizam-se, ganhando complexidade psicológica.” (2008, p. 134). Ferraz complementa:

As personagens de Freire são o retrato dos excluídos sociais que mesmo relegados às margens da sociedade não deixam de representar o

desequilíbrio social como um todo; cada uma de suas personagens representa um elo incômodo entre ficção e realidade. Assim, nos contos de Freire, as prostitutas, os pobres, homossexuais e outros excluídos, trazem em seus discursos o medo potencializado de todos participantes sociais e não apenas de seus pares mais próximos. As agressões voltadas ao gênero, à classe econômica, à opção sexual, dissipadas em toda a sociedade, ganham densidade através destas personagens marginalizadas. (2009, p. 33).

Nas obras de Marcelino Freire, é perceptível a inclusão dos marginalizados, o que oferece sentidos para ver/ler o outro. Destacam-se personagens excêntricos que incomodam, ações de agressões voltadas para as minorias, para que a sociedade possa repensar as desigualdades e as injustiças realizadas. A ideia de trazer ao discurso as experiências do estigma de humilhação, de agressão social das pessoas que são excluídas é relevante para o deslocamento da normatividade, pois as identidades socialmente prescritas são uma forma de disciplinamento social, de controle, de normalização.

Percebe-se que o autor tem preferência por representar temáticas transgressoras que se constituem como um incômodo moral ou social, como a prostituição, a obesidade, a velhice, os problemas familiares, a loucura, o fanatismo religioso, a pedofilia, o tráfico, o incesto, as sexualidades transgressoras e, mesmo, hábitos sexuais socialmente condenáveis. Os personagens que “protagonizam tais temas surgem de uma vida marcada pela pobreza e pela indignação, o que os coloca sempre entre o necessário e o contingente, obrigando-os a uma ação que se não transforma a realidade que os cerca, transforma a sua própria vida” (INACIO, 2012, p. 48). Isto nos faz remontar aos estudos de Silviano Santiago sobre a “literatura marginal”, que referia o exílio interno observável na nossa literatura: “trata-se de determinados grupos sociais que eram e são desprovidos de voz dentro da sociedade brasileira, cuja voz era e é abafada” (SANTIAGO, 1989, p. 35). Sendo assim, Freire, escritor nordestino, assume sua situação enquanto periférico, marginal e dá voz a inúmeras vozes silenciadas cuja necessidade de serem ouvidas urge dentre o ecoar de vozes dominantes e centralizadoras.

Marcelino retrata uma literatura marginal que pode ser percebida enquanto escrita de denúncia, de rupturas, de transgressão, em uma capacidade de apreender o miúdo da subalternidade, das minorias, em suas peculiaridades, em sua situação de sobrevivência, neste mundo que renega a existência de uma marginalidade que pode trazer riqueza e multiplicidade à literatura contemporânea. Carlos Magno Gomes (2011b) ratifica esta ideia ao dizer que, na literatura contemporânea, as identidades questionadas pelas feministas, pelos gays ou pelos negros, entre tantas outras, têm dado uma nova visibilidade para estes sujeitos em busca de

seu espaço social. As identidades não são fixas, elas se movimentam conforme os interesses destes grupos em diferentes contextos históricos e sociais.

Segundo Regina Dalcastagné (2002), esse tipo de literatura, que dá voz à classe subalterna, oportuniza uma democratização da literatura, uma vez que a preocupação com a diversidade de vozes não é um eco de modismos acadêmicos, mas algo com importância política. E a escrita literária possibilita o reconhecimento das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos: o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação desta experiência por trabalhadores, mulheres, negros, índios, gays. Desta forma, democratizar a escrita apresenta o seu valor literário, a partir do diálogo com o cultural e representa o diferente, manifestando um outro modo de ver, de perceber a realidade, as estâncias da existência. Sobre isto, Freire declara:

Meus temas são espinhentos. Provocativos, sei lá. Mas prefiro errar do que acertar. Prefiro ter a coragem de escrever enviesado, de correr riscos. Não quero escrever frígido. Não quero a mesmice. Eu quero, no que eu escrevo, fazer o que fizeram os artistas que admiro. Jogaram merda no ventilador. Eu quero dar a minha contribuição ao desconforto. Desconforto que vem daquilo que vejo por aí, no dia-a-dia. Das dores e revoltas que carrego. Eu escrevo para me vingar. E essa vingança não pode ser 'politicamente correta'. Ave Nossa! Longe disso. Eu escrevo como se sentisse uma coceira. Eu escrevo com a cabeça cheia de piolhos. Eu quero soltar esses piolhos por aí. Quero dividir com o leitor esse inferno. Eta porra! (FREIRE, 2006).

Em seu discurso vingativo, Freire promulga uma literatura que destaca a minoria, o estranho, provocando desconforto em uma sociedade que promove dor e destruição. Destaca-se, em sua escrita, a tentativa de deslocamento das normas e regras que dominam e excluem, para que a diferença seja vista no reconhecimento da transformação social, no lugar que o outro ocupa na sociedade e na luta pela inserção e pelo direito dos sujeitos marginalizados. Marcelino consegue abarcar vontades e desejos oprimidos pela sociedade excludente. Sua escrita representa sujeitos solitários, reprimidos sem que possam concretizar seus desejos, suas vontades, suas relações. São sujeitos que vivem em uma eterna busca pela existência, uma vez que precisam xingar, gritar para que sejam vistos e possam concretizar seus anseios e desejos.

Freire expõe desejos reprimidos, silenciados, negados pela sociedade. Desejos, vistos como negativo e subalternizado diante das relações amorosas e sexuais dominantes, em que sujeitos são submetidos à solidão, ao medo, ao segredo, ao silenciamento. Nesta ligação do desejo homoerótico ao temor da abjeção social, associa-se o segredo e a consequente solidão, que cria relações cruéis para consigo mesmo e com o parceiro amoroso. O resultado é

a frequente constituição de relações insatisfatórias devido à superficialidade, ao caráter efêmero ou à pura e simples demanda de invisibilidade social que limita a sociabilidade e a interação amorosa.

Na escrita de Marcelino Freire, se destacam os desejos entre homens, entre mulheres, entre professora e aluna, entre padres e meninos, entre amigos, entre idoso e jovem, entre travesti e homens casados, entre bichas e héteros, entre homens de vida dupla. Desta forma, ao representar tais desejos, na sua escrita, permite uma abertura às variadas formas do desejar, do sentir, do amar, do relacionar-se, que pretendem perpassar a ideia de preconceito e normatização exercida pelo estigma do desejo hegemônico e heterossexista. Percebe-se que, nos estudos da literatura homoerótica ou gay, busca-se a representação do desejo. É a relação entre a narrativa e o desejo que pode nos levar a esboçar as bases desta estrutura homoerótica. Diante da perspectiva do desejo descrito por Sedgwick, Antônio de Pádua Silva considera:

O termo desejo numa acepção mais ampla, uma vez que comporta não somente a questão de direcionamento do prazer ou do gozo físico para o outro do mesmo sexo, mas, sobretudo, porque o termo/expressão comporta a ideia de companheirismo, amizade, construção de fortes e sólidas relações sociais, as interferências de base ideológica e todas as práticas e atitudes que devolvem ao sujeito gay a consciência e postura de cidadão, de sujeito capaz de amar, de se relacionar fisicamente apenas por prazer, de constituir família, de encontrar lugares onde dão vazão aos seus gostos, ao seu lazer, dentre outros. (SILVA, 2011, p. 13).

O desejo entre pessoas do mesmo sexo é visto pela sociedade preconceituosa como uma representação da promiscuidade e desrespeito, como vinculado somente ao ato sexual, ao prazer carnal, portanto, é preciso perceber que o desejo homoerótico perpassa o simples ato do gozar, permite uma relação de prazer, paixão, amor capaz de superar os tabus e preconceitos da sociedade em prol da diversidade de gênero e da sexualidade. Freire traz, em seus contos, personagens homoeróticos cujos desejos são representados por meio de narrativas que descrevem relações homoeróticas entre os sujeitos, sujeitos estes que tentam desmontar o preconceito, o racismo, para que possam concretizar seus anseios e os desejos reprimidos pela sociedade.

No decorrer das narrativas, Freire traz à tona a temática do homoerotismo⁸, levando em consideração seus relacionamentos, desejos, sexo, prazer entre pessoas do mesmo

⁸ Teoricamente, como procuro mostrar, “homoerotismo é preferível a ‘homossexualidade’ ou ‘heterossexualidade’ porque tais palavras remetem quem as emprega ao vocabulário do século XIX que deu origem à ideia do ‘homossexual’. Isto significa, em breves palavras, que toda vez que as empregamos, continuamos pensando, falando e agindo emocionalmente inspirados na crença de

sexo, construindo alternativas para tratar de um assunto que é, ao mesmo tempo, controverso, excluído e oprimido, que acende alguma curiosidade e provoca divergências em relação à aceitação, ao assumir, ao tornar público, ao respeito e sobre as normatizações do domínio heterossexista, representando a sexualidade com personagens como gays, lésbicas, travestis, drags, bissexuais, bichas, que desempenham papéis diversos (pais, professores, padres, prostitutas, amantes), mas que aparecem como incompletos, insatisfeitos. (PINTER, 2011).

Diante do regime da heterossexualidade compulsória e dominante, Marcelino expõe personagens com atos performativos que representam as minorias sexuais marginalizadas na sociedade. Narra assassinatos, pedofilia, pederastia, exploração sexual, prostituição, traições, porém os “criminosos” são colocados como representação daqueles que não têm rosto, que são silenciados, excluídos e acabam cometendo “crimes” para concretizar seus desejos oprimidos:

Assim, a transgressão e a resistência a um sistema regulador do sexo, encenadas pelas personagens, na representação de sua sexualidade, constituem-se como forças opostas ao sistema de poder e, ainda assim, forças propulsoras, que tornam ainda mais fortes e formam cadeias ou contradições entre as relações de poder-saber-prazer que produzem, regulam e normatizam as representações de uma sexualidade ‘normal’, conceito cristalizado nos aparelhos estatais e na formulação das leis, transferindo toda (PINTER, 2011).

O homoerotismo está presente em contos de Marcelino Freire – “Homo Erectus”, “Balé”, “A volta de Carmem Miranda”, “Amor de poeta”, “A sagração da primavera” (*BaléRalé*, 2003); “Junior”, “Amigo do rei” (*Rasif, mar que arreventa*, 2008); “União civil”, “Jesus te ama” (*Amar é crime*, 2010); “Coração” (*Contos negreiros*, 2005) – em que são expostos paixões e desejos homoeróticos, amizades “coloridas” entre homens, travestis que se envolvem com homens casados, bichas nostálgicas que se apaixonam por homens ditos heterossexuais, homens casados que mantêm uma vida sexual dupla, uma possível união homoafetiva, padres que se envolvem com meninos menores e demais ações e sujeitos homoeróticos. Portanto, além dos contos homoeróticos, que marcam a diferença das minorias sexuais (gays, travestis, drags, bissexuais, transexuais), serão analisados contos que marcam a diferença de minorias como mulheres, negros, índios, pobres, favelados, prostitutas como

que existem uma sexualidade e um tipo humanos ‘homossexuais’, independentemente do hábito linguístico que os criou. Eticamente, sugiro que persistir utilizando tais noções significa manter costumes morais prisioneiros do sistema de nominação preconceituoso que qualifica certos sujeitos como moralmente inferiores pelo fato de apresentarem inclinações eróticas por outros do mesmo sexo biológico” (COSTA, 1992, p. 11).

“Solar dos príncipes”, “Esquece”, “Vaniclélia”, “Polícia e ladrão” (*Contos negreiros*, 2005), “Tupi-Guarani” (*Rasif, mar que arrebenta*, 2008), Phoder (*BaléRalé*, 2003) e “Vestido longo” (*Amar é crime*, 2010).

O conto “Júnior” narra a história de uma criança, o Junior, que assistia as cenas do pai se relacionando com uma travesti. O pai, estando em um hotel com a travesti, levou-a para sua casa no intuito de tomarem um simples café. A travesti ficou assustada por ser tratada com respeito e ser valorizada pelo homem. No caminho, o homem comprou pães, enquanto a travesti permaneceu esperando “seu homem” no carro. Chegando em casa, o pai, animado e meio bêbado, fez café para os dois, a travesti questionou sobre sua mulher, afirmando achar estranho que a esposa dele estivesse em casa dormindo e não acordasse diante de todo o movimento. A travesti ficou com seu homem em silêncio, calada, sem gemidos. Por fim, Junior aparece de fraldas e vai para o colo da travesti, chamando-a de mãe.

Em “Amigo do Rei”, é narrada a história de um menino que queria ser poeta, mas o pai desejava que ele fosse jogador de futebol, como os filhos de seus amigos, uma vez que o orgulho do pai, enquanto “corintiano roxo”, era ter um filho jogador, e jogador profissional, mas o filho não gostava de futebol, não sabia jogar. O menino gostava de arte e poesia. O pai, decepcionado, levou o filho ao médico para ser curado, mas o médico disse que ele era sadio, normal. A mãe, sempre protegendo seu filho, justificava que outros jogadores, como Pelé e Garrincha, também faziam parte do mundo artístico, mas o pai não aceitava seu filho ser diferente e afirmava que ele seria bicha. Em razão disto, acaba por considerar seu filho como menina e como alguém que precisava ser exorcizado: estava com o Diabo no corpo. Não havia mudanças ou possíveis soluções, porque o menino não aprendia e nem queria ser jogador famoso, sustentar a família. O pai, passando a considerar a escola como culpada do filho não gostar de futebol, foi conversar com a professora do filho que declarou que o menino gostava do escritor Manuel Bandeira. O pai sem conhecer Manuel Bandeira, desmaiou e insistiu em afirmar que seu filho gostava de outro menino, promovendo desgosto e decepção.

O conto “Homo Erectus” descreve o homem pré-histórico, primitivo, a múmia, o desterrado, o encontrado depois de anos e que dava o cu para outros homens e ninguém, até então, tinha nada a ver com isso.

“Balé” traz a história de um menino que não queria permanecer na vida difícil que vivia, trabalhando de forma árdua na lavoura, na pedreira, não queria continuar morando em sua cidade Catolé, não queria ajudar os pais, os irmãos. O pai o colocava de castigo, mas nada resolvia. Então, o pai pensou em falar com a Mãe Elvira para tirar o Satanás do corpo do

menino, mas o menino não queria ser mão-escrava, permanecer no sufoco: queria mudar de vida, ir embora. Assim, o pai acaba afirmando que seu filho era menina, por não aceitar fazer o trabalho pesado, de homem, e gostar de dançar, de se equilibrar, de voar como mulher.

“A volta de Carmem Miranda” narra a história de um homossexual mais velho que comenta sobre a realidade atual da homossexualidade, comparando com seu passado. Ele afirma que os homossexuais de hoje se beijam na frente de todos, andam de mãos dadas, levantam a bandeira, fazem movimentos, desfiles gays, paradas, passeatas e compara com seu tempo, em que se beijava na boca de outro homem escondido, não havia passeatas, aglomerações, em que “se pegavam” no banheiro público, no quartel, na pracinha e tinha mais sentimentos, mais amor, mais alegria. O homossexual fala de seu amigo, sua paixão, Simonal, uma drag que era diferente das drags atuais, exageradas, e que foi assassinado e, por isto, o mundo perdeu a cor, ficou doente, triste.

O conto “A sagração da primavera” descreve a vida de uma mulher que estava apaixonada por um bailarino, porém o bailarino não correspondia a sua paixão. Sua amiga insistia para ela ficasse com Gustavinho, mas ela não gostava dele. A mulher queria ver seu bailarino rodopiando. Sua amiga Mayara e outras pessoas comentavam que todo bailarino é boiola, bailarina. Por conta desta paixão, a mulher se lembrou de um garoto de sua rua: os dois brincavam juntos, ela se vestia de menino e ele, de menina. Ele era sua mulher e ela o homem dele. Sua paixão pelo bailarino aumentava a cada dia. Ela marcou um encontro, mas ele não apareceu: ele foi dançar. Ela, então, descobriu que o garoto de sua rua virou Susan Star e foi vê-lo dançar na praça, se reencontraram, saíram, conversaram. Mayara afirmou que viu o bailarino beijando outro homem e a mulher se irrita com ela, afirmando que ela só poderia ser sapatão, apaixonada por ela. O dançarino aceitou, então, dançar para a mulher, que ficou muito animada, encantada. Mayara criticou-o e o chamou de boiola, mas a mulher o defendeu e questionou se havia algum problema em ficar com homens ou mulheres. Susan Star se aproximou e desejou transar novamente com ela e, mais uma vez, ela vira o homem do menino da sua rua.

No conto “Jesus te ama”, Marcelino Freire narra a história de um padre que foi encontrado pela polícia fazendo sexo com um garoto, em plena rua. O garoto era menor de idade e mantinha relações sexuais com o padre por dinheiro. O padre pedófilo declarou para os policiais seus desejos, anseios e angústias diante do aprisionamento feito pela sociedade e igreja. Após os interrogatórios feitos pela polícia, o menino foi embora, o padre foi liberado e retornou para a sua rotina normal celebrando suas missas para os fiéis.

“União Civil” traz a descrição de um homem, Álvaro, escritor, que presenciou dois homens empurrando um carrinho de bebê. Esta cena o fez questionar se eles eram um casal que adotara uma criança ou amigos, irmãos. Diante destas observações, o escritor relembra de histórias da sua infância na qual fez juras de amor e se casou com outro menino, João, atrás da igreja da cidade dele. Na fase adulta, Álvaro ficou com Xavier e João se casou com Maitê. Diante da cena dos dois homens empurrando o carrinho de bebê, o narrador começa a imaginar que o casal seria João e ele, que se reencontraram, depois de anos sem manter contato, e que o bebê seria o filho de João com Maitê, que teria sumido. Neste reencontro imaginário, eles fazem novamente juras de amor, lembram o casamento na infância, João mostra o anel utilizado no enlace e, assim, eles seriam felizes, Álvaro, João e o bebê.

O conto “Coração” narra a história de uma bicha solitária e nostálgica, Célio, que sempre transou com muitos homens, mas que se apaixonou por um belo rapaz, Beto, porém este amor não foi correspondido, já que Beto só manteve um caso com Célio exclusivamente para satisfazer seu desejo sexual. Desta forma, Célio lamentando esta situação, deseja que toda bicha nascesse sem coração, oca, vazia, sem sentimentos.

Em “Solar dos príncipes”, é relatada a história de quatro negros e uma negra que estavam parados em frente ao prédio de um condomínio de classe média e que foram abordados pelo porteiro, questionando quem eram eles, o que estavam fazendo ali e se já haviam consertado o elevador de serviço do prédio. Os sujeitos afirmam ser do morro e que estavam ali para fazer uma filmagem da vida das pessoas de classe média, uma vez que estas pessoas invadiam o morro e faziam o que queriam e desejavam. Os negros, todo o tempo, são confundidos com marginais que desejavam roubar, matar, e por conta disto, o porteiro afirmou que iria chamar a polícia, mas eles continuaram filmando e mostrando a vida daqueles que os exploram, oprimem e excluem.

O conto “Esquece” representa a história de um homem revoltado diante da violência sofrida durante toda a sua vida; das desigualdades existentes na sociedade; do preconceito e racismo sofrido por ser negro; da vida de miséria; de viver num barraco, de ser humilhado, espancado, preso, torturado; de saber que outras pessoas têm mansões, carrão do ano, roupas de marca, comida, liberdade; da necessidade de roubar para garantir o básico para sobreviver dignamente.

“Vaniclélia” narra a vida de uma mulher grávida, que convive com um homem que a espanca e violenta, um homem que nega sua existência enquanto mulher, como ser humano que merece respeito e dignidade, uma mulher que foi prostituta quando nova, que se

envolveu com gringos para obter bens materiais e respeito como mulher que ganha presentes e que era levada para restaurantes e baladas, uma mulher que lutava para sobreviver diante da violência sofrida diariamente e que nunca foi percebida como pessoa humana que necessitava de ajuda e valorização.

O conto “Policia e ladrão” descreve a conversa de dois ladrões após um assalto. O ladrão narrador implora que Nando, o outro ladrão, saia do local em que se encontram, mas Nando insiste em permanecer, mesmo estando baleados e sangrando. Enquanto eles estão no local, lembram da infância, de quando fizeram o primeiro roubo, quando roubaram a padaria por ser a dona muito chata. Eles entraram na padaria e comeram bolachas, doces, chicletes, chuparam picolé, pirulito, enfim, roubaram por desejo de comer coisas que outras crianças comiam, mas que eles não podiam comer. Após o roubo foram para a laje, de barriga cheia, imaginando a vida em outros planetas. Nando resolveu ser ladrão de verdade, após seu pai morrer, baterem em sua mãe e queimarem seu barracão, uma vez que o ódio passou a prevalecer. Mas o narrador retornou a conversa para a cena atual e continuou implorando para que Nando fosse embora antes que a polícia chegasse, mas Nando insistiu em permanecer, pegou a arma e apontou para a cabeça do amigo.

“Tupi-Guarani” descreve a vida de um índio massacrado, sem-terra, sem cultura, sem direitos, sem liberdade, um índio cansado de todas as mazelas que fizeram e fazem com suas tribos, por terem destruído e continuarem a destruir a natureza em prol do maldito “progresso”, da “civilização”, um índio que está na luta, na briga, na disputa por tudo que lhe pertence, por tudo que lhe foi negado e retirado durante os anos de escravidão, destruição, de invasão do homem branco que só pensa em poder e riquezas.

O conto “Phoder” apresenta a história de uma prostituta que insiste em dizer que o amor nunca durou mais que vinte minutos, já que era o tempo necessário para uma foda, um programa. O conto narra um cena de sexo da travesti com um idoso que a deixou muito triste, reflexiva, angustiada, uma vez que a fisionomia do idoso a fez lembrar do seu pai que abusou sexualmente dela quando ainda era uma criança e na adolescência.

A narrativa “Vestido longo” apresenta a vida de uma prostituta que só vive vestida de roupas curtas e sensuais, uma prostituta advinda da pobreza, do gueto, que foi incentivada pela mãe, desde criança, a expor seu corpo e se envolver com homens: nada de brincar, de bonecas, de ser criança; a questão era ser envolvente, rebolar, chamar a atenção. Sua mãe morreu e vendo-se em situação de pobreza e extrema necessidade ela segue sua vida se prostituindo e ganhando seu pão. Uma prostituta que sempre seduziu muitos gringos, que lhe davam presentes, joias, menos roupas, uma vez que o interessante era vê-la cada mais

pelada, nua, mas que sempre teve o sonho de possuir um vestido longo, um vestido que cobrisse suas vergonhas, que a fizesse uma dama, ser diferente das outras prostitutas, concretizando seu desejo de ser uma mulher digna de respeito.

Como se pode ver, Marcelino Freire descreve em seus contos personagens que tentam romper com as normas impostas pela sociedade e representar a diversidade dos marginalizados (mulheres, negros, gays, prostitutas), das minorias sexuais (gays, lésbicas, bichas, travestis, drags, homossexuais pedófilos, bissexuais), que desmontam as estruturas pré-fixadas e possibilitam a representação do diferente. A partir do momento em que o autor se propõe a descrever ações e desejos de personagens do gueto, da favela, da margem, pretende romper com as regras ditas pela sociedade as quais silenciam tais sujeitos por meio do preconceito, do racismo, da violência, da repressão.

Em vista disso, no capítulo seguinte, será realizada uma leitura da diferença nos contos de Marcelino Freire, levando em consideração a diversidade das minorias, destacando as minorias sexuais, além de perceber até que ponto há rupturas das normas pré-estabelecidas pela sociedade que higieniza, massacra.

3 CONTOS DA DIFERENÇA EM MARCELINO FREIRE

A diferença é essencial nos contos de Marcelino Freire, visto que o autor consegue representar o diferente na busca de romper com a hegemonia do centro que comanda, que recrimina e dissemina o preconceito, o racismo, a intolerância, a homofobia. E pensar no diferente é ratificar os estudos queer, que buscam representar o excêntrico, que envolve a conceituação de raro, estranho e, também, o “ex-centro”, ou seja, o fora do centro. Nos contos do autor, percebe-se o ideal da excentricidade em suas variadas vertentes, uma vez que personagens raros, diferentes representam ações que rompem com as regras impostas pela sociedade normatizante.

Segundo Pedro Paulo Pereira (2006), a expressão *queer*, utilizada como forma de autodesignação, repetindo e reiterando vozes homofóbicas que assinalam a abjeção⁹ daquele que é denominado *queer*, mas descontextualizando-as deste universo de enunciação, já que atribui valores positivos ao termo, transformando-o em uma forma orgulhosa de manifestar a *diferença*, pode ocasionar uma inversão da cadeia de repetição que confere poder a práticas autoritárias precedentes, uma inversão desta historicidade constitutiva. (BUTLER, 2002).

A teoria queer se distingue dos estudos lésbicos e gays porque considera que estas culturas sexuais foram normalizadas e não apontam para a mudança social, daí o interesse em estudar culturas sexuais não hegemônicas, caracterizadas pela subversão ou pelo rompimento com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e/ou amoroso, tais como o travestismo, a transexualidade e a intersexualidade (ÁVILA; GROSSI, 2010, p. 209). Os próprios sujeitos queer são múltiplos e diversificados em todos os contextos, em virtude de seu gênero, classe, etnia e posição geracional (FORTIER, 2002).

Dessa forma, destaca-se a perspectiva de uma crítica literária que busque desconstruir a hegemonia dominante para que seja representada a cultura da diferença, ou seja, para trazer à tona aquilo que está à margem, fora do centro, mas que busca permanecer em posição de marginal e lutar apenas pela força do diferente. Sendo assim, será feita uma leitura dos contos de Marcelino Freire no intuito de representar o diferente por meio do excêntrico e da ruptura com o centro dominante e hegemônico.

⁹ “O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante. [...] Quando alguém xinga alguém de algo, por exemplo, quando chama essa pessoa de ‘sapatão’ ou ‘bicha’, não está apenas dando um ‘nome’ para esse outro, está julgando essa pessoa e a classificando como objeto de nojo. A injúria classifica alguém como ‘poluidora’, como alguém de quem você quer distância por temer ser contaminado” (MISKOLCI, 2012, p. 40).

3.1 SUJEITOS DA DIFERENÇA SEXUAL

Sujeitos da sexualidade desviante, como os homossexuais, os bissexuais, as travestis, os transexuais, as drags, são negados enquanto sujeitos e impedidos de concretizar suas vontades, sentimentos e desejos. Desta forma, os estudos queer possibilitam uma representação de sujeitos múltiplos, compostos por um número complexo de especificidades e particularidades sociais, históricas, econômicas e, principalmente, culturais, possibilitando que estes sujeitos excluídos pela sociedade heteronormativa e centralizadora possam ser visibilizados enquanto seres de direitos e desejos. Como afirma Judith Butler:

São identidades marcadas por valores desiguais, padronizadas e estereotipadas. Percebe-se que a identidade de gênero é significada pela cultura e constituída a partir da socialização, podendo ser concebida como um modo de se relacionar e estar no mundo, constituído por meio das relações que se estabelecem a partir de uma relação performática que deve considerar aspectos espaço-temporais e, conseqüentemente, subjetividades e identidades peculiares que estão sendo a todo o momento formadas a partir de uma idéia de aparência de substância que faz com que se materialize a dicotomia masculino/feminino. (2003, p. 51).

Butler ratifica a ideia de multiplicidade de performances que promulga as sexualidades peculiares existentes, porém marcadas por valores desiguais e estereotipados. Esta forma múltipla de performance traz uma pluralidade de gêneros e sexualidades marcadas pela presença de tipos excêntricos e desviantes que buscam fazer parte dessa sociedade excludente e heteronormativa.

Diante da ideia de manifestação da diferença, percebe-se a presença de minorias sexuais como gays, lésbicas, travestis, transexuais¹⁰, bissexuais, nas narrativas de Marcelino Freire, enfatizando a percepção da cultura não hegemônica que supera a abjeção, o preconceito, o racismo, a homofobia e a exclusão para que o marginalizado, o excluído seja visto como pertencente à sociedade.

Observar a travesti enquanto ser da diferença é perceber a ruptura da heteronormatividade, diante da representação de um homem que se transveste de mulher e

¹⁰ “O transexual se sente uma mulher [...] e se sente atraído por outros homens. Isso faz dele um homossexual se seu sexo for diagnosticado de acordo com seu corpo. No entanto, ele se autodiagnostica segundo seu sexo psicológico feminino. Ele sente atração por um homem como heterossexual [...]” (BENJAMIN, 2001, p. 30 apud BENTO, 2006, p. 151). “As pessoas transexuais são aquelas que possuem ou vivem/representam uma identidade de gênero diferente da atribuída ao nascer, incluindo aquelas que por obrigação, preferência ou livre escolha optam por apresentar-se, através da vestimenta, acessórios, cosméticos ou modificações corporais de modo diferente das expectativas a respeito do papel de gênero atribuído ao nascer” (BALZER, 2010, p. 81).

apresenta trejeitos, voz, trajes e nomes femininos: “O travesti foi pisando alto. Equilibrando-se no salto [...] Olhou-se no primeiro espelho que encontrou. Coragem, Magaly Sanches, coragem” (FREIRE, 2008, p. 52). Neste trecho fica claro o uso daquilo que é feminino pelo homem travestido, tanto o uso do salto quanto o uso do pseudônimo Magaly Sanches, mas percebe-se a afirmação da heteronormatividade a partir do momento em que a travesti busca uma relação estável dentro dos moldes heterossexistas:

Esqueci de dizer que meu pai passou pela padaria, desceu e comprou, quentinhos, seis pãezinhos. O travesti ficou no carro, sem acreditar. Embora acreditasse: todo casal apaixonado deve começar o dia desse jeito. De alguma forma, brilhou uma alegria no seu peito. No peito do travesti, é claro. O cara deve estar gostando de mim. (FREIRE, 2008, p. 53).

Percebe-se, assim, a possibilidade da travesti se apaixonar e ser retribuído pelo amor de alguém que o respeite enquanto sujeito que ama e de poder ter um relacionamento estável, dentro das normas estabelecidas e desejadas pela maioria das pessoas e ratifica-se o desejo heteronormativo em que o binarismo homem/mulher sobressai, confirmando o poderio da relação heterossexual tradicional.

Marcelino traz à tona, também, a presença da bicha, sujeito negado e excluído pela sociedade, o estranho, que se encontra no desprezo, solitário, sem possibilidades de amar, de desejar, de viver:

Bicha deveria nascer sem coração. É, devia, nascer. Oca. É, feito uma porta. Ai, ai. Não sei se quero chá ou café. Não sei. Meus nervos à flor de algodão. Acendo um cigarro e vou assistir televisão. O especial de Roberto Carlos todo ano. Ai que amolação! Esse coração de merda. Bicha devia nascer vazia. Dentro do peito, um peru da Sadia. É devia. (FREIRE, 2005, p. 59).

O silenciamento da bicha¹¹ resta explícito enquanto sujeito esquecido, renegado, que não faz parte do que é determinado pela sociedade. Sua presença incomoda, rompe com as normas estabelecidas e abala as estruturas fixadas pela sociedade. Desta forma, a solidão e o abandono são características marcantes da vida de uma bicha, provocando a autodestruição e a exclusão deste sujeito: “No lugar do coração, bicha devia ter uma bomba. A minha vontade era ter uma granada, para estourar no trem. Para fazer uma desgraça, juro. Só assim, Deus vai olhar pra mim” (FREIRE, 2005, p. 62).

¹¹ O termo bicha se refere ao sujeito que foge totalmente às regras pré-estabelecidas pela sociedade heterossexista em relação às normas da homossexualidade. É visto como anormal, o marginal que vive no gueto, na pobreza e é excluído do convívio social e cultural, inclusive pelos próprios gays.

A violência, o roubo, o abandono são experiências vividas pelas bichas: “Vai me trazer de volta aquele anjo. Sim, porque ele era anjo. Não me roubou. Não me bateu. Sabe o que ele me falou? Que queria ser corredor de Formula-I, vai ver foi isso. Zummmmm” (FREIRE, 2005, p. 62). Apesar da bicha não ser roubada e nem violentada, fica implícito o abandono e as ações constantes de roubo e violência vividas diariamente por elas, que são assassinadas, abusadas, esquecidas enquanto seres humanos, gente. A justiça nega a sua defesa e cresce, a cada dia, a violência para com essa minoria.

Uma situação que não pode deixar de ser destacada é o silenciamento, uma vez que as minorias sexuais não têm voz nem vez dentro da sociedade que as exclui, discrimina e as impossibilita de conviver, por “fugirem” das normas e regras impostas: “O travesti sem saber o que dizer. Não podia rir direito. Nem gargalhar. Nem gemer. Um travesti em silêncio é a coisa mais triste que alguém já viu, puta que pariu” (FREIRE, 2008, p. 53). Este trecho confirma o silenciamento sofrido pelas minorias sexuais, impossibilitando-as de desejar, de “gozar” e de viver.

Outro fator relevante é a transição entre sabores e desejos, uma vez que homens casados se relacionam com suas esposas e com outros homens, se permitem transitar em situações múltiplas e diferentes. Observando o pai, no conto “Junior”, percebe-se a figura de um homem casado que, apesar de ter uma família tradicional constituída (esposa e filho), se permite vivenciar uma relação com outro homem, um travesti. Desta forma, a vida sexual dupla do marido (mulher/homem travesti) expõe um homem que se permite diferenciar suas relações e desejos, ultrapassando a ideia de normatização que é determinada e fixada, deixando explícita sua vida dupla, sua bissexualidade: “Vamos lá em casa tomar um café, disse meu pai para o travesti. Café? É. Mas o cara não era casado, bem casado? E a tua mulher? Eu gosto dessas aventuras, disse meu pai. Desses perigos a mais. Você é louco, pinel. Demais” (FREIRE, 2008, p. 51).

Esse ideal de transitar entre as múltiplas sexualidades e desejos é ratificado quando Marcelino descreve a história de uma garota que se apaixonou pelo seu vizinho quando era criança e se permitiu se transvestir de homem para conquistar o menino que se transveste de menina:

O bailarino me fez lembrar um garoto de minha rua. Eu vestia a roupa dele e ele as minhas. Eu arranjava uma barba mínima, ele fazia uma cabeleireira com um lençol, subia árvores com a minha calcinha... um dia nos beijamos. Ele minha mulher. Ei, o médico, examinando o pau que ele escondia, fazia sumir dentro das perninhas. Que coisa bonitinha. Eu beijava sua teta. Eu, a banana. Ele, a Carmem Miranda. (FREIRE, 2003, p. 115-116).

[...] Nunca vi seus olhos de tão perto, maquiados, assim, como se fosse pra mim, ‘eu quero comer você’. Eu mais uma vez ia virar o homem do garoto de minha rua. (FREIRE, 2003, p. 121).

Nessa narrativa, percebe-se a excentricidade e a diferença promulgada pelo queer, de forma explícita, pelo fato de representar dois personagens que se permitem o deslocamento entre o masculino e o feminino, caminhando entre a heterossexualidade, a homossexualidade e a transexualidade. Desta forma, propondo a diversidade sexual, que busca o excêntrico como meio de representação do diferente e que possibilita viajar entre múltiplas performances de acordo, vontades e desejos que perpassam a ideia exclusiva do sexual, possibilita compreender a riqueza da multiplicidade sexual e de gênero que existe na sociedade que insiste em retratar apenas a heterossexualidade e o binário homem/mulher como configurações detentoras de poder e possibilidades, caso contrário, será oprimido pelo preconceito e pelo silenciamento na convivência social.

Ao se pontuar sobre as performances dos corpos, destaca-se Berenice Bento (2006) e sua obra *Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, em que explicita os conflitos, as brechas, os interstícios, as fissuras e as disjunções que possibilitam que os sujeitos subvertam as normas de gênero, ou seja, uma inspiração *queer*. Se as sociedades inventam formas de regular e de materializar o sexo nos sujeitos e se estas “normas regulatórias” necessitam ser repetidas frequentemente, citadas e reiteradas amiúde, há, contudo, torções e lapsos no processo. Os corpos, assim, não se conformam diretamente às regras que os regulam, nunca aderindo completamente às normas que impõem as suas materializações. (BUTLER, 1999, p. 154). A invenção dos corpos pressupõe, portanto, a sua reinvenção contínua. Bento (2006) procura, então, compreender as *performances* dos sujeitos que não se conformam em e com seus corpos e como nas práticas cotidianas procuram adequar corpo, sexualidade e gênero, reinventando-os. (PEREIRA, 2006, p. 470-471).

João era heterossexual. Hã? Bissexual. Bi o que? Eu não. Nunca teria outra relação. Casamento é coisa sagrada. E a gente deu a nossa palavra. Eterna. Marido e marido. [...] Hora ou outra eu via. João e Maitê. Quanto ciúme! João um homem. Forte, na lambreta. Ao violão... cheguei a sair com Elizabeth. Atrás da mesma capela, tentei, sem sucesso, repetir a cena. Não valeu a pena. Conheci o Xavier. João casou, de verdade, com a Maitê. (FREIRE, 2010, p. 96-97).

Nesses trechos, são expostas as múltiplas performances de gênero (heterossexual, homossexual, bissexual) de João e a tentativa de transitoriedade de Álvaro, porém, há uma permanência do desejo de manter uma relação heterossexual de acordo com as normas

estabelecidas pelo poder. João consegue transitar entre a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade, mantém relações com homens e mulheres, porém casa-se com uma mulher, a Maitê, conforme o constructo da cultura da sociedade heteronormativa. Álvaro se autoafirma homossexual, apesar das tentativas mal sucedidas com as mulheres, possibilitando novos constructos da sexualidade, invisibilizados, porém, pelo poder, que recrimina e reprime.

3.3 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

Uma leitura queer requer também a percepção da ruptura da cultura hegemônica, que promulga a normatividade da sociedade, que estabelece regras para serem seguidas sem questionamentos e transgressões. Desta forma, perceber o ideal queer é perceber o deslocamento, a ruptura em Marcelino Freire, possibilitando uma discussão em prol do diferente. Na maioria das vezes, porém, há uma permanência de ações e desejos diante da situação imposta pelo poder centralizador e normatizante.

Diante do ato de transgredir, há a figura de um padre que mantém um caso com um garoto menor de idade abalando as estruturas e normas determinadas pela igreja e pela justiça. Desta forma, ser padre e ter relações sexuais com alguém menor de idade e do mesmo sexo, rompe com as normas da castidade, da heteronormatividade e, também, da justiça, uma vez que realizar um crime, neste caso, a pedofilia, infringe a lei. E transgredir a disciplina, o ideal de poder traz à tona constrangimento, solidão, isolamento:

O senhor é mesmo padre? O senhor não tem vergonha? Deus, rezei sempre. O mundo está mesmo acabado. O policial fez o sinal da cruz, quis levantar um sermão à minha frente. Não levantou-se. Meu coração está sujo. Blasfêmia, pecado. O redemoinho do demônio. (FREIRE, 2010, p. 105).

A figura do padre, aqui, representa a transgressão, uma vez que este é apresentado como um sujeito da diferença que provoca estranheza e se coloca à margem da sociedade. Percebe-se o fato de que a sexualidade, o corpo, o desejo independem do trabalho, do ofício que se exerce no social e, por sua vez, no religioso. Sendo assim, há uma disciplinarização do corpo que busca concretizar seu desejo reprimido, mas que é movido pela voz da razão:

Fui à rua, gosto de circular perto do mosteiro. O centro da cidade está cheio de juízos doentes. Penso nos irmãos pelas esquinas, esqueletos sujos. Vou neste fôlego, vejo o mundo num caldeirão só. Não importa que seja padre,

não importa o meu ofício. Vivo misturado como o mundo, faço parte da roda-morta, capenga. (FREIRE, 2010, p. 106).

Nesse trecho, o padre se coloca como integrante da rua, dos marginalizados, distante do centro “cheio de juízos doentes” que excluem aqueles que não fazem parte deste centro preconceituoso que impera, que domina. E a figura de padre é omitida diante da situação em que se encontra: “não importa que seja padre”. Sendo assim, a figura de um padre gay e pedófilo que ama outro homem passa a ser equivalente aos demais marginalizados e excluídos, representando a excentricidade que faz parte da sociedade “capenga” que dita regras e normas.

“Se eu pudesse me salvar, se eu pudesse escapar. Mas não tem coisa pior que sedução. A sedução do lixo. O mosteiro foi construído ali. O lixo que depois se juntou à nossa volta. Toda ordem de bosta. Plástico, vento, jornal. O escuro morto, proibido” (FREIRE, 2010, p. 106). Neste momento, vem à tona a ideia da salvação perdida com os atos “impuros” os quais trazem consequências à vida e à alma seduzida, e esta sedução parte do lixo, no lixo, que abala “toda ordem de bosta”; romper com a ordem, com as regras e normas ditas pela sociedade disciplinadora e centralizadora, buscar a inclusão dos diferentes sujeitos e dar voz às minorias que vivem no “escuro morto, proibido” pelo fato de serem silenciadas, excluídas e violentadas.

Outro fator a ser observado é a possibilidade e permissibilidade da união civil e da adoção por parte de pessoas do mesmo sexo no Brasil. Na narrativa “União Civil”, é apresentado um suposto casamento entre dois meninos (homens) os quais fazem juras de amor e trocam alianças como um casal apaixonado. Esta situação rompe com a ideia do casamento heterossexual que determinava a possibilidade somente da união entre homem e mulher, e esta quebra de normas traz à tona discussões e reflexões diante da diferença e do rompimento com a sociedade heterossexista dominante, preconceituosa e centralizadora, conforme se pode ver no seguinte trecho: “Dois homens empurram um carrinho de bebê. Juntos em silêncio” [...] Comentei com a plateia-hoje vi um casal. Na esperança de alguém viesse dizer. São irmãos, filhos de Seu Januário. Ou: você não sabe? É o primeiro caso no país de adoção homossexual” (FREIRE, 2010, p. 91).

“Vamos casar? O que? Eu e você, feito homem e mulher. Na igreja: É. É pecado. Deus não precisa saber” (FREIRE, 2010, p. 92). Aqui, percebe-se a hegemonia trazida pela sociedade heteronormativa pelo fato de dois meninos realizarem um casamento “feito homem e mulher”, comprovando o pensamento heterossexista dominante no qual o homem somente

pode casar com mulher e não com outro homem, um pensamento que traz à tona a ideia de pecado estabelecida pela igreja que impede muitas pessoas de romper com a norma e projetar seus anseios e desejos. Vale ressaltar, também, que o ato do casamento entre pessoas do mesmo sexo, é apresentado como uma representação do pecado – “É pecado” –, trazendo à tona o questionamento das dualidades sagrado/profano, alma/corpo, procriação/desejo, uma vez que o ser humano foi criado para se casar com o sexo oposto, viver preso às normas do sagrado e perceber que a procriação é o fator essencial na constituição de uma família. Sendo assim, uma relação que vai de encontro ao pensamento heterossexista, religioso e fundamentalista provoca destruição, sujeira, repúdio, por deslocar as tradições e determinações fixas, imutáveis, inquestionáveis.

Na sociedade brasileira, em que prevalece o poder da heterossexualidade e do machismo, os filhos nascem para ser jogadores e se relacionarem com muitas mulheres, enquanto as mulheres nascem para ser donas de casa, ter filhos e ser submissas aos homens que representam virilidade, masculinidade, macheza. Ser jogador de futebol representa virilidade, masculinidade, macheza, enquanto ser poeta representa o feminino, a fragilização, a efeminação, a viadagem:

O menino era poeta. Não era atleta, não era. O pai olhava para ele. Chuta. E o menino chutava o vento e caía de bunda. Meu deus! O pai, logo ele, corintiano roxo. O menino nem aí. Gostava era do azul da nuvem. Do verde rosa. De ouvir o barulho da chuva. Correr atrás de passarinho. (FREIRE, 2008, p. 93).

O menino que gostava das cores, da natureza, da poesia – “O que vai ser quando crescer? Resolveu perguntar. Heim? O menino sorriu. Vou ser poeta” (FREIRE, 2008, p. 93) –, este era o drama e a tortura do pai, o desespero pelo fato de seu filho não ser o grande jogador de seus sonhos, pois odiava futebol, era diferente do filho do vizinho Dagoberto: “Veja o filho do Dagoberto. Um craque. Aquele sim, promete. O meu, uma tragédia” (FREIRE, 2008, p. 94). Assim, mostra-se a situação de um pai que se autotortura por seu filho não ser como o de seu amigo, um orgulho, uma vez que o filho do vizinho gosta de futebol e é um excelente jogador. Neste trecho, é revelado, também, que o filho é brutalmente torturado, desrespeitado, forçado pelo pai para que consiga satisfazer o seu sonho de ter um filho jogador famoso: “Nada que não se resolva na raça. No peito. É só mudar de campo. [...] Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Chuta” (FREIRE, 2008, p. 94). Apresenta-se, também, a tortura sofrida pelo filho para tentar ser um jogador famoso e de qualidade.

A ação paterna ratifica a normatividade imposta pela sociedade pela qual os homens devem gostar de futebol, para que sejam considerados machos e viris – “E o menino ia lá, tão atrapalhado que se atrapalhava. De pernas para o ar, parecia querer dançar. Dançar? Eu não vou deixar. Eu me mato. Bailarino? Assim já é demais” (FREIRE, 2008, p. 94-95) –, mas o menino não gostava de futebol, representava a arte em suas atitudes, o menino sonhava em ser poeta e foi discriminado por seu pai que chega ao ponto de afirmar: “Bicha. É isso. Meu Deus! Gritou ele. Meu filho vai ser bicha. Credo! O menino é menina. Ah! Isso não vai ficar assim. Vou treinar o condenado. Vou salvar o moleque” (FREIRE, 2008, p. 94).

Fica, assim, explicitada a imposição da sociedade machista e heterossexista que persiste em ratificar o determinismo de que o homem é obrigado a gostar de futebol, caso contrário, é visto como bicha, diferente, estranho, por não seguir a regra imposta: “O que não vou aguentar é vizinho falando de mim” (FREIRE, 2008, p. 94). Ao comparar o seu filho com o de Dagoberto, o pai confirma o fato de a sociedade impor a um ser que viva dentro das regras e normas, sem levar em consideração as diferenças existentes, necessário para que haja inclusão e respeito.

Ser craque, ser jogador famoso é o sonho de todo e qualquer pai dentro da sociedade que convivemos e a negação disto, a transgressão, traz à tona o machismo, o preconceito, a fobia, a revolta, o terror ao ponto de um pai negar seu próprio filho e buscar a cura, por acreditar que ser diferente é uma doença – “Levou o menino ao médico. Tudo normal. Normal, doutor? Jura? Todo menino gosta de bola. Ele nem sequer olha. Não dá a mínima bola, entende?” (FREIRE, 2008, p. 93) –, deixando claro o pensamento preconceituoso e machista que perpassa toda a história da humanidade e permanece na contemporaneidade, uma vez que situações como esta são enfrentadas diariamente, como o projeto de “cura gay” proposto pela bancada evangélica na Câmara dos Deputados.

A homofobia por parte de pais de filhos gays é altamente disseminada na sociedade, mesmo diante das muitas conquistas alcançadas ao longo dos anos. E a situação de se ter um filho gay afronta o desejo de se ter um filho jogador de futebol famoso, o que traz orgulho e riquezas, enquanto ter um filho que gosta de dançar, que quer ser escritor, ações ditas femininas, traz à tona cenas de desprezo e desgosto pelo pai: “Meu filho gosta de um outro menino. Falou para a mulher. E agora? Rezou, chorou. Um tal de Manuel, conhece? Eu não disse? Excomungado! Dar um desgosto desses. Veja o filho do Dagoberto. Esse, sim, será ‘amigo do rei’” (FREIRE, 2008, p. 97). Neste trecho, percebe-se que a possibilidade do filho

gostar de outro homem¹² ultrapassa a afetividade entre pai e filho, afinal, ser famoso representa uma necessidade de ser bem visto pelas pessoas de uma sociedade que prega o consumo, a riqueza, o poder e para conseguir este poder precisa da permanência de fatos e desejos dos pais, caso contrário, o filho é excluído e silenciado por escolher ser diferente e transgredir as normas exigidas para concretizar os desejos da diferença: “Um minutinho que dormiu, o pai sonhou com coisas muito feias. Jogadores, um em cima do outro, dentro dos vestiários. Meu Deus! Perigo na grande área. Na formação de barreiras. Um pesadelo! Eu mato esse menino. Ah! Se mato” (FREIRE, 2008, p. 98).

Outro fator a ser observado nos contos de Freire é a ideia de pecado, situação em que as pessoas que não seguem as normas pregadas pela igreja, pelo fundamentalismo, por não estarem dentro dos preceitos religiosos acabam sendo consideradas possuidoras do demônio, precisando da cura religiosa, do exorcismo. Isto acontece com o filho que não gosta de futebol: “O quê? Exorcismo. Não disse? O diabo. A gente tira essa coisa do corpo dele, sim. Ave-maria, cheia de graça. Acho que essa desgraça não tem mesmo salvação” (FREIRE, 2008, p. 94).

Freire confirma tal situação quando descreve o filho de uma família pobre que não pretende permanecer na mesma situação de pobreza e calamidade dos familiares: “Fale pra comadre: procure Mãe Elvira. Ela tira do corpo o satanás. Quero só ver o que ele faz. Mas não. Comadre não quer. Agora fica com essa criatura, essa criança sem Deus, já blasfemou as alturas” (FREIRE, 2003, p. 34). Ser diferente é a representação do diabo, do satanás, a representação do mal, daquilo que está à margem, amaldiçoado, excluído. Nas duas situações, viver em sociedade é viver preso a regras impostas, muitas das quais são determinadas pela igreja, pela religiosidade. O ser humano não é levado em consideração por sua essência, seus desejos, seus anseios. E a transgressão às normas preestabelecidas é vista de forma deturpada ao ponto de as pessoas envolvidas sofrerem todo tipo de discriminação e preconceito. Apesar das mudanças ocorridas na atualidade, este tipo de ação preconceituosa e determinista permanece na sociedade de forma que as diferenças não são respeitadas: “Todo bailarino é boiola menina. Bailarino uma bailarina. Plumosa. O vento bate na pluma e a pluma pluma” (FREIRE, 2003, p. 114).

Diante da ideia de seguir as normas exigidas pela sociedade, percebe-se que sempre que se busca rompê-las isto é visto como algo não aceitável e veementemente condenado pelo fator normatizador que controla essas regras:

¹² Explicita uma ironia, uma vez que o pai não sabe quem é Manuel Bandeira, o qual interpreta como um colega de seu filho, um outro homem.

Disse que não, não vai cortar cana, morrer, moer neste sol. Disse que não, o excomungado. Por mais reza que reze, perdeu a fé, não escuta a nossa fé. Disse que não é não e não. Não quer sujar o destino desse jeito, o menino. O pai coloca de castigo, ele diz que não, não fica. (FREIRE, 2003, p. 33-34).

Nesse trecho, fica claro o desejo de rompimento do menino com aquilo que foi determinado para ele enquanto filho de uma família pobre que trabalha na plantação de cana-de-açúcar de sol a sol. Os pais não aceitam a iniciativa de mudança, de rompimento desejado pelo filho, uma vez que o determinismo é pregado pela sociedade excludente e centralizadora, afinal, este menino enquanto filho de trabalhadores rurais precisa seguir seu destino e permanecer dentro das regras impostas. É importante observar que fugir das regras traz consequências drásticas para a pessoa que provoca esta atitude, pois, como se observa no trecho, o filho é excomungado, colocado de castigo, considerado um ser abominável pelo fato de desejar mudar, romper, transgredir: “Xinga a mãe toda hora, xinga quem trabalha, diz que não quer viver na merda, desculpe a palavra. Morrer na bosta. Não quer sofrer no sufoco, não nasceu para mão-escrava” (FREIRE, 2003, p. 34).

O filho despreza sua dura realidade, nega sua existência enquanto trabalhador braçal, “escravo”, alguém que vive na miséria, sem ter nem seus mínimos direitos. Portanto, este menino encontra como solução de sua vida, a dança, porém, sua família nega, silencia seus desejos: “Acredita que o negócio dele é ficar dançando? É, mulher, dançando. Vive atrás do vento, assobiando. Diz que segue canto de passarinho, que escuta água chover embaixo da terra. Vê só, ele ali na ponta quente da pedra se equilibrando” (FREIRE, 2003, p. 35). Diante disso, explicita-se que o menino tenta transgredir o determinismo imposto pela sociedade, porém, a família o discrimina, o excomunga, afinal, a dança é uma atividade vista como ação realizada por mulheres, por gays e que não trará futuro nenhum para uma criança. Desta forma, o preconceito, a homofobia e a exclusão são colocados como principais conceitos norteadores diante da ação de mudança e transgressão desejada pelo menino.

A ideia de transgressão da sociedade heterossexista, machista e preconceituosa, se depara com a abertura das individualidades e os desejos dos homossexuais, a partir do momento em que se propõe lutar em prol da inclusão e contra o preconceito e a homofobia. Casais homossexuais começam a agir “naturalmente” tal como os casais heterossexuais, beijando-se em público, andando de mãos dadas nas ruas, casando-se, enfim, promulgando a diferença em prol da igualdade de direitos:

Beijar na boca outro homem? Na língua? Essa depravação? Pra todo mundo saber? O quê? Não. Meu tempo era outro tempo. Beijava-se escondidinho

outro homem. Assim, no Joaquim. Ninguém saia passeando com o namorado, pra cima e para baixo, pra cima e para baixo. (FREIRE, 2003, p. 63).

Outra situação frequente, atualmente, diz respeito aos movimentos de rua, às paradas, às passeatas como meio de lutar e se manifestar em prol da política LGBTTT. Estes tipos de manifestações trazem vários questionamentos e indagações pelo fato de usarem os movimentos como meio de realizações de festas e carnavais sem se preocuparem com o que realmente poderia ser fortalecedor para o desenvolvimento LGBTTT, para a inclusão e a visibilidade dos sujeitos que se sentem excluídos e silenciados pela sociedade heteronormativa e centralizadora: “Era tudo mais romântico. Como? Passeata? Que merda de passeata? A gente não precisa dizer que era pederasta, entende? Levantar bandeira, entende? A gente era porque era e ponto. Acontecia, de repente” (FREIRE, 2003, p. 64-65).

Percebe-se, assim, que os movimentos não são bem vistos por muitos homossexuais, uma vez que os próprios sujeitos gays não se veem como levantadores de bandeiras em movimentos de ruas, não veem a necessidade de mostrar a cara, de se apresentar em público. Muitas pessoas preferem se manter em sigilo, por destacarem que a individualidade precisa ser respeitada independentemente de seu gênero ou sexualidade. Portanto, é preciso destacar que as manifestações em prol dos movimentos LGBTTT traz à tona discussões indispensáveis para que se promova a cidadania plena, a isonomia de direitos e o combate à homofobia.

A homofobia é o grande obstáculo enfrentado pelas minorias sexuais e de gênero. É uma problemática que precisa de muita discussão e da aplicabilidade de justiça e legalidade para que o respeito ao diferente seja levado em consideração diante da sociedade que marginaliza, mata, violenta, oprime, exclui. Segundo Rogério Diniz Junqueira:

É preciso, então, considerar a existência de um variado e dinâmico arsenal de normas, injunções disciplinadoras e disposições de controle voltadas a estabelecer e a impor padrões e imposições normalizantes no que concerne a corpo, gênero, sexualidade e a tudo o que lhes diz respeito, direta ou indiretamente. A homofobia, nesse sentido, transcende tanto aspectos de ordem psicológica quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais (gays e lésbicas), bissexuais, transgêneros (especialmente travestis e transexuais) etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero. (2007, p. 9).

Rogério Diniz Junqueira (2007) afirma que a homofobia infringe a ideia de respeito e isonomia, uma vez que a imposição de regras e normas pela sociedade heterossexista ratifica uma padronização única comandada pela heterossexualidade que determina aquilo que precisa ser seguido por todos, sem levar em consideração as diferenças existentes: “Tudo com maior respeito. Não havia assassinato. Não havia essa juventude desregulada, cabeça raspada, cuspidando chute para todo lado. A paz da paz. Entende? E mais nada” (FREIRE, 2003, p. 64). A opressão, a violência, o assassinato, a exclusão são vistos como solução para o “problema” da ruptura desta normatização que centraliza e determina. Gays, lésbicas, travestis, drags são vítimas da homofobia, que promulga o preconceito e o desrespeito, que perpassa a concepção de ser humano, provocando dor e destruição:

Eu gostava de Simonal. Carmem Miranda era o Simonal, este sim. Não essas drags que andam por aí, tadinhas. Nem precisava de tanta banana o Simonal. Simonal morreu. Se ele estivesse aqui, tudo teria um outro colorido, entende? Nosso arco-íris seria diferente. Mataram o arco-íris na maior cara de pau. (FREIRE, 2003, p. 66).

Nesse trecho, é representado o Simonal, uma *drag queen* que foi assassinada de forma brusca e inexplicável. Configura-se a violência como consequência da homofobia pelo diferente, ao destruírem o “arco-íris”, o mundo ficou sem cor. Desta forma, fica claro que ser diferente é lutar pela sobrevivência, é estar propenso a todo tipo de violência, seja moral, física ou psicológica, é lutar em prol do colorido para que a vida não se resuma a escuridão e medo.

Sempre haverá aqueles que lembrarão que a luta é séria, que travestis são regularmente torturados e mortos e que muitos homossexuais são desrespeitados em sua dignidade humana. Eles têm razão e a luta por melhores condições de existência sempre é válida. Porém, é bom que fique sempre lembrado que seus novos valores também são arbitrários e não são de nenhuma forma ‘naturais’ (MACRAE, 1992, p. 111).

Outra situação presente nas relações homoeróticas é o envolvimento por interesse, por necessidade de se obter algo. É uma relação pautada no dinheiro na qual sujeitos, na maioria das vezes, pobres, abusam da carência do desejo reprimido dos homossexuais e acabam por usufruir daquilo que este “parceiro” pode oferecer. São roupas, viagens, sapatos, festas, moradia, enfim, a vida passa a ser assegurada pela situação do desejo oprimido que busca uma companhia, um compromisso, um sexo seguro, uma estabilidade:

O poeta? Conheci o poeta, sim, na rua. É, na rua. [...] Eu não queria nada com a vida. [...] Eu não era bobo. Ele me dava dinheiro, me dava camisa, comprava sapato. Mas foi ficando meio pegajoso. Pegajoso. Aguardei por causa das facilidades, entende? Eu queria um terno, sei lá uma casa. Sim, uma casa para morar. (FREIRE, 2003, p. 85-87).

Esse trecho comprova a relação de interesse, uma vez que o companheiro usufruía dos bens oferecidos pelo poeta que se submetia a esta situação de aproveitamento devido à necessidade de concretizar seus anseios e desejos. Afinal, o sujeito era quem poderia trazer algum tipo de prazer e felicidade, mesmo que momentânea, ao poeta. Este se colocava na situação de companheiro fixo, namorado, enquanto o sujeito não levava nada a sério, queria-o apenas como mantenedor de bens materiais e de um lar:

Foi osso quando eu arranjei uma namorada. Foi osso. A coisa engrossou para meu lado. Queria compromisso, pode? Não meu pensamento não era assim tão sério. [...] Coisa comprida, de dá sono. Mas eu ficava ali, no maior interesse. Me dava de tudo, não queria que eu voltasse para a praça. Queria que eu ficasse com ele a vida inteira. Coisa chata. Não ia dar certo. (FREIRE, 2003, p. 87-88).

Não poderia deixar de trazer à tona a grande problemática do machismo e do preconceito diante do uso do cu. Cu que é desejado, cobiçado, venerado, mas que é visto como a grande vítima do preconceito e da homofobia diante das críticas, vivências e discussões na sociedade hipócrita e falsa moralista, uma vez que os homens, as mulheres, os gays, os héteros dão o cu, comem o cu, mas a norma determina como um ato da bicha, do viado, do passivo, do travesti, daquele que está a margem, no gueto:

O homem ressuscitado, você viu na TV? De ossos miúdos, esmiuçados? Abertos para estudo? À visita nos museus americanos? Como uma múmia sem roupa? Quase? Flagrada como se estivesse dormindo nas profundezas do mundo oceânico? O homem embrionário? Das origens cavernosas da humanidade? Sabe este homem, não sabe? Pintado nas cavernas da Dordonha? Mesolítico? Nômade? Perdido? Este homem dava o cu para outros homens. E ninguém – até então – tinha nada a ver com isso. (FREIRE, 2003, p. 16).

O trecho ratifica o fato de que dar o cu para satisfazer desejos é uma ação antiga, dos primórdios, desde que o mundo é mundo, mas que ainda é vista como uma questão de discussão, de análise, como se fosse o fundamento para a sobrevivência ou permanência da humanidade, como se isto transformasse a índole, o caráter, o direito de viver de alguém, como se fosse uma situação de tragédia, de destruição. É sim, uma ação de transgressão, de

ruptura às normas machistas e heterossexistas fixadas nas relações sexuais e afetivas que precisa ser vista em prol da diferença, uma vez que sempre será realizada e desejada: **da** mesma forma que você **dá** o pão à mesa **dá** a mão um abraço [...] **da** mesma forma que você **dá** o melhor de si eu **dou** o cu meu amor e daí. (FREIRE, 2010, p. 21). Javier Sáez e Sejo Carrascosa ratificam:

[...] ver o que o cu põe em jogo. Ver por que o sexo anal provoca tanto desprezo, tanto medo, tanta fascinação, tanta hipocrisia, tanto desejo, tanto ódio. E, sobretudo, revelar que essa vigilância de nossos traseiros não é uniforme: depende se o cu penetrado é branco ou negro, se é de uma mulher ou de um homem ou de um/a trans, se nesse ato se é ativo ou passivo, se é um cu penetrado por um vibrador, um pênis ou um punho, se o sujeito penetrado se sente orgulhoso ou envergonhado, se é penetrado com camisinha ou não, se é um cu rico ou pobre, se é católico ou muçulmano. É nessas variáveis onde veremos desdobrar-se a polícia do cu, e também é aí onde se articula a política do cu; é nessa rede onde o poder se exerce, e onde se constroem o ódio, o machismo, a homofobia e o racismo. (SÁEZ; CARRASCOSA, 2011, p. 13).

Beatriz Preciado (2009) considera que o medo de que toda pele seja um órgão sexual sem gênero produziu um novo olhar sobre o corpo, com áreas de privilégio e abjeção nitidamente marcadas. O ânus foi assim considerado como uma parte de repulsa, um corpo castrado. Para os homens do século XIX, o ânus era uma cicatriz deixada no corpo pela castração e o seu fechamento é o preço pago ao regime heterossexual pelo privilégio de sua masculinidade. Se o ânus do heterossexual é castrado, as práticas anais terminam associadas à homossexualidade. Neste sentido, o regime heteronormativo higieniza os traços referentes ao desejo anal. Portanto, a vagina e o pênis passam a ser a referência da normalidade e o ânus deixa de ser visto como órgão do prazer heterossexual e passa a se referir à homossexualidade: o cu do heterossexual estaria fora do campo social, confinado ao segredo, às práticas invisíveis, impronunciáveis.

De acordo com Gilmaro Nogueira (2013), o ensaio *Terror anal* de Beatriz Preciado (2009) amplia os motivos para acreditar em uma política anal:

- a. O cu não tem sexo, nem gênero, escapando da retórica da diferença sexual. O cu também borra as diferenças personalizadas e privatizantes do rosto. Desafia a lógica da identificação do masculino e do feminino, sendo um órgão pós-identitário, onde se encontra o horizonte da democracia sexual pós-humana, cavidade orgásmica e músculo receptor não reprodutivo, compartilhado por todos;
- b. O cu é um bioporto através do qual o corpo aberto é exposto aos outros. Essa dimensão exige do corpo masculino heterossexual a castração, pois

tudo que é feminino poderia contaminar o corpo masculino através do cu, deixando descoberto seu estatuto de igualdade em relação ao outro corpo (o da mulher). O cu (incluindo os castrados) penetrado por biopênis e/ou dildos, próteses, dissolve a oposição hétero x homo e entre ativos e passivos, penetradores e penetrados. Desfaz a sexualidade baseada no pênis penetrador e no cu receptor, borrando as linhas de segregação de gênero, sexo e sexualidade.

c. O cu funciona como ponto cego, através do qual se faz uma operação de desterritorialização do corpo heterossexual ou desgenitalização da sexualidade, reduzida a pênis e vagina;

d. O cu tem sido historicamente considerado um órgão abjeto, nunca suficientemente limpo, jamais silencioso, nem politicamente correto. Não produz ou só produz lixo e detritos e não se pode esperar dele benefícios nem ganhos de capital: nem esperma, nem órgão, nem reprodução sexual – somente merda. (PRECIADO, 2009, p. 172 apud NOGUEIRA, 2013, p. 40).

Sendo assim, o cu é visto como algo abjeto, como um órgão que nega a virilidade e a masculinidade do homem heterossexual: não se trata de homens que têm pênis e mulheres que não o possuem, mas de homens que se apresentam como se não tivessem ânus. (PRECIADO, 2009). O sexo anal se refere ao ato feito pelos homossexuais, sujeitos vistos como passivos, afeminados, “mariconas”, que gostam de dar o cu como forma de prazer e desejo. Dar o cu é uma ação que quebra as normas heterossexistas, porém o desejo do sexo anal se mistura com o proibido e héteros, gays, homens, mulheres se permitem o prazer que vai de encontro à higienização promulgada pela sociedade. Na peça teatral *O diário de Genet* (2013), Djalma Thürler ratifica:

Por que o sexo anal é visto com tanto desprezo? Tanto medo, tanto desejo e tanto ódio? Tão fascinante e tão hipócrita? Sim, porque Genet revela que a vigilância das nossas bundas não é uniforme: depende se é preta ou branca, se é uma mulher ou um homem ou uma trans. Se esse ato é ativo ou passivo; se é um cu penetrado por um vibrador, uma garrafa ou um punho, se o sujeito penetrado sente orgulho ou vergonha, se penetrou com um preservativo ou não, se é um cu rico ou cu pobre. Se é um cu católico ou muçulmano... São nestas variáveis que percebemos certa política do cu, e como essa política se articula e o poder é exercido, e onde são construídos o ódio, o sexismo, a homofobia e o racismo. (THÜRLER, 2013, p. 52).

Quando se fala em romper normas, pensa-se em transgredir a tudo que possa impor limites e regras para que se seja visibilizado nesta sociedade preconceituosa, homofóbica e hipócrita, assim, são comuns cenas explícitas de afetividade e sexo em banheiros públicos, transportes públicos, quartéis, praças, shoppings, conventos, como uma tentativa de ruptura das normas pré-estabelecidas e de inserção na sociedade para que se consiga concretizar desejos oprimidos e silenciados:

Já fui muito a quartel, meu caro. Dei pra coronel, chupei culhão de recruta. Desculpa, mas antigamente havia poesia chupar culhão de recruta, de seminarista. Engolir esperma de marinheiro. Tranquilo fim de tarde à beira da praia da piedade. Saudades do bom banheiro público. Sabem o que eles fazem hoje? Vão ao shopping. Fazem fila no mictório do shopping. Pode? Nunca chuparia ninguém em um shopping. Nem que fosse o Edvaldo ressuscitado. Mais vale o mercado municipal, mas vale a putaria na praça da República. Viva a praça da República. (FREIRE, 2003, p. 65).

Nesses trechos, percebe-se que os gays utilizam locais públicos, como banheiros e praças, de extrema segurança e totalmente reservados e controlados, como os quartéis e conventos. Estas ações trazem à tona a necessidade de os sujeitos terem voz, serem vistos, serem inseridos na sociedade que exclui, que recrimina, que nega, que destrói, que violenta, que mata. É a representação do desejo como afronta à ordem, à disciplina, uma vez que são sujeitos que fazem “pegações” em locais públicos, promovendo uma desordem na instituição, fazendo ecoar o prazer e o desejo reprimidos pela higienização da ordem social e cultural. Desta forma, radicalizar e utilizar locais “proibidos” possibilita vivenciar anseios reprimidos, uma vez que os gays não têm permissão de concretizar seus desejos de forma isonômica aos heterossexuais pelo fato de serem considerados estranhos, fora de ordem, marginalizado. De acordo com Goffman (1988), a invisibilização e estigmatização social decorrem da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, referindo-se o estigma ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo que, em uma interação, podem desacreditá-lo, depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor socialmente”, confirmando assim, a invisibilização sofrida pelas minorias sexuais, devido à sua depreciação e ao seu silenciamento. Portanto, agir radicalmente ao realizar relações sexuais em locais públicos, uma vez que de acordo com a Lei, é atentado ao pudor, faz com que os gays sejam vistos como promíscuos, que não acatam as ordens e que precisam ser punidos e banidos da sociedade:

Celio conheceu Beto na estação de trem, em setembro. Moreno bonito. Celio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. Beto gozou na mão do viado. Encabulado, mascou seu chiclete, desceu e nem olhou para trás para Célio. Célio feliz por um certo tempo. A gosma entre os dedos. A porra a gente esconde no ferro, debaixo do banco. [...] Encontrou Beto uma semana depois. Na mesma hora em que estava masturbando outro, desiludido e oco. Um loiro que nem chegava aos pés do moreno misterioso. Epa! Correu e disse alguma coisa: algo como ‘Omelete recheado’. Vamos de novo? (FREIRE, 2005, 59- 61).

A vida da bicha Célio representa uma relação homoerótica em que se busca um homem ideal, uma paixão, um amor. Esta busca incessante traz o questionamento da promiscuidade, ação sempre relacionada às vivências gays, uma vez que eles se permitem os mais diversos tipos de relações, em locais públicos e proibidos perante a justiça e envolvimentos com muitos homens, muitos companheiros. Célio conhece Beto em um trem, uma paixão não correspondida, porém se envolve com outros homens à procura da concretização de seu desejo, negado pelo desprezo de Beto, razão pela qual se permite uma incansável procura por alguém que possa valorizá-lo, respeitá-lo, amá-lo. O desejo de Célio, desejo que não é passível de ser exposto à sociedade, por ser sempre visto como desrespeitoso, imoral, anormal, desviante, promíscuo, transgressor, marginal, inferior, é concretizado de forma obscura, sendo silenciado, renegado. Logo, ser gay não é mudar a noção de marginalidade e inferioridade, mas permanecer nela, pois, como ratifica Miskolci:

Ser chamado, leia-se, ser xingado de bicha, gay, sapatão, travesti, anormal ou degenerad@ é a experiência fundadora da descoberta da homossexualidade ou do que nossa sociedade ainda atribui a ela, o espaço da humilhação e do sofrimento. Transformar esta experiência em força política de resistência é o objetivo da proposta original queer. (2010, p. 10-11).

Miskolci confirma a situação de desprezo, de negação e de violência sofrida pelos homossexuais e apresenta a proposta queer como política que promove a resistência diante das experiências de marginalização, a transgressão das normas e a persistência em prol da isonomia de direitos para que as minorias sexuais sejam respeitadas em sua diferença, uma vez que ser diferente é superar a ideia de humilhação e sofrimento, promovendo inclusão social, cultural e política.

É importante salientar a importância da leitura das narrativas de Marcelino Freire em uma perspectiva queer, uma vez que perceber o queer é incomodar, provocar, transgredir, deslocar; é perceber a marginalidade daquele que está na contramão da hegemonia dominante e promover a fundamental cidadania diante da violência e repressão sofrida pelos renegados da sociedade, como ratifica Miskolci (2012): “As mulheres... negros, indígenas e homossexuais ainda enfrentam dificuldades para fazer valer seus direitos. [...] De forma geral, a cidadania ainda é mais acessível e reconhecida para quem é homem, branco, rico e heterossexual”.

Frente às narrativas analisadas, cabe argumentar que a obra de Freire resiste pela desordenação, por romper estigmas, conceitos, as normas estabelecidas pela estrutura do sistema hegemônico. Neste contexto, a diferença é um conceito fundamental, uma vez que

existem sujeitos postos em cena que buscam desorganizar a ordem cultural, apesar de alguns promoverem as mesmas idealizações impostas pela sociedade. A diferença é ser negro, mulher, índio, pobre, favelado, homossexual, sujeitos marginalizados pela sociedade ocidental criada para rejeitar qualquer afronta aos paradigmas e posturas ordinárias da cultura hegemônica e centralizadora, cultura que promove a higienização e abjeção aos sujeitos que resistem aos padrões impostos e lutam por respeito e pela isonomia de direitos.

CONCLUSÃO

O nosso tempo, então, é o tempo da diferença
fazendo o seu jogo, o tempo da diferença
proliferante.
Antônio Flávio Pierucci

Desde o início da pesquisa, procuramos perceber a sua viabilidade para nossas vivências, nossos anseios, nossos desejos e, especialmente, a sua importância para que se promova a inclusão social e cultural, independentemente da raça, classe, etnia, cor e do gênero ou sexualidade aos quais pertencemos e, ainda, que somos diferentes e que é diante da diferença que se desenvolve a justiça e a promoção dos direitos humanos.

Inicialmente, desenvolvemos uma pesquisa cautelosa sobre as marcas históricas da teoria queer, conhecendo sua formação, seus fundamentos, seu surgimento, suas características, seus conceitos, sua aplicabilidade. Realizamos estudos sobre a vida e obra de alguns escritores brasileiros contemporâneos que possibilitassem o desenvolvimento da pesquisa literária; lemos informações, entrevistas, biografias, romances, contos; assistimos a vídeos e entrevistas. Finalmente, resolvemos pesquisar sobre o autor pernambucano Marcelino Freire, por ser um escritor do sertão nordestino, advindo da pobreza e que consegue representar os marginalizados dos guetos, periferias e favelas, através de personagens excêntricos que desmontam a sociedade centralizadora e excludente em que vivemos.

Diante do amplo conhecimento sobre a teoria queer e sobre o escritor Marcelino Freire, pudemos desenvolver nossa pesquisa, que possibilita uma leitura da diferença na escrita de Freire para comprovar a necessidade de se estudar uma política que produza questionamentos diante das normas e regras impostas pela sociedade que determina aquilo que deve ser seguido por todos nós, independentemente dos desejos e anseios de cada um.

Perceber o queer enquanto método de pesquisa foi uma tarefa árdua que exigiu a inserção do desconforto, da destruição, da transgressão, da transformação e nos desprendermos de todo e qualquer pensamento de preconceito, racismo, homofobia, tabus, regras e normas pré-estabelecidas pela sociedade. Pensar no queer é possibilitar, também, uma reflexão diante da vida enquanto homossexual que vivencia o preconceito e segue os preceitos determinados pela sociedade heteronormativa. Portanto, obtivemos um conhecimento significativo e nos percebemos enquanto sujeito estranho, oprimido, renegado, excluído, reprimido, destruído, violentado, mas que permanece na situação de desconforto e destruição,

já que promulgar o queer é permanecer na situação de marginalizado e se ver enquanto minoria que precisa ter voz, mas que nega a superioridade e a destruição do desejo, do anseio de qualquer indivíduo. Sendo assim, ser queer é respeitar a diferença para que todo sujeito possa expor seus desejos e vontades, livre das “amarras” impostas pela sociedade.

Diante da leitura queer, detectamos sua fundamental importância para os estudos da Crítica Cultural, uma vez que ser queer é ser estranho, raro, excêntrico, marginal, minoria; romper a hegemonia; destruir o centro; transgredir, incomodar, perturbar, provocar; representar o sujeito da sexualidade desviante; promulgar a diferença; deslocar regras e normas; abalar o poder normatizante; promover respeito e desmontar a estrutura social, econômica e cultural que domina e normatiza. Ser queer é promover a diferença em prol do contra-hegemônico, que desloca o poder centralizador da sociedade preconceituosa e excludente.

Tal percepção nos permitiu trabalhar em um movimento de resgate de sentidos não previstos, não imaginados durante o ato de escrever, mas que podem ser apreendidos da narrativa, buscando, portanto, uma leitura do texto voltada a ultrapassar nossos próprios limites e contornos. O texto foi percebido em sua potência de constituir linhas de fuga para outras possibilidades de sentidos, outros desejos.

No primeiro capítulo dessa dissertação, fizemos um apanhado geral da teoria queer, apresentando seu surgimento, seus conceitos, a visão americana e brasileira para possibilitar um conhecimento amplo deste novo conceito, ainda pouco conhecido por nós pesquisadores da contemporaneidade. Utilizando teóricos como Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Denilson Lopes, Richard Miskolci, compreendemos que o queer promove um estudo pautado na diferença e que tem como principal lema a ruptura das normas fixadas pela sociedade centralizadora e altamente excludente.

No segundo capítulo, apresentamos uma breve biografia do escritor Marcelino Freire e desenvolvemos uma leitura a respeito de sua escrita, uma vez que descrevemos uma análise dos anseios, comportamentos, desejos, falas, discursos, além da visão de alguns teóricos a respeito de sua vida e literatura. Percebemos a diferença como fundamento para a escrita do autor diante da representação do marginal, do excluído.

Marcelino Freire é um importante representante da literatura marginal, uma vez que narra sobre os marginalizados e se coloca na posição de marginal. Permite uma viagem para além daquilo que é imposto pelas normas pré-estabelecidas e promove uma vivência desenvolvida diante das diferentes classes, raças, gêneros e sexualidade, possibilitando a inserção dos negros, das mulheres, das prostitutas, dos escravos, dos traficantes, dos ladrões,

dos gays, das lésbicas, das bichas, dos travestis, dos transexuais, das drags. Enfim, o que importa é transgredir, problematizar, desafiar, questionar, possibilitando que o sujeito diferente seja ativo e incluído na sociedade.

No terceiro e último capítulo, desenvolvemos uma leitura dos contos da diferença de Marcelino Freire, possibilitando um questionamento sobre a ruptura do poder hegemônico que impera na sociedade e a percepção do gueto, do marginalizado, do favelado, da minoria, do excluído. Nesta leitura, os sujeitos marginalizados, como mulheres, negros, pobres, prostitutas, ecoaram suas vozes, sendo destacados personagens que representam as minorias sexuais (gays, drags, travestis, bichas, transexuais) diante da dominação heterossexista e a tentativa de ruptura das normas e regras impostas pela sociedade, que promulga o determinismo, o preconceito, o racismo, a homofobia, a destruição, a violência, a invisibilização, o sofrimento, o silenciamento.

Ao propor uma ruptura da ordem vigente, ao recusar as normas, romper com posições hierárquicas, construir corpos que embaralham as noções culturalmente pré-determinadas, os personagens apontam para uma política dos anormais (PRECIADO, 2012) e permitem pensar o texto de Freire como uma produção de grande relevância para o cenário literário nacional, não apenas por inserir personagens invisibilizadas, mas, também, por permitir a emergência de configurações diversas destes personagens.

Todos os questionamentos levantados foram possíveis por conta de fundamentos teóricos pós-estruturalistas aplicados à leitura da obra. E a própria leitura do texto só se fez possível em virtude da filiação da pesquisa aos Estudos Culturais, que tem como pretensão fazer audíveis todas as vozes de todos os sujeitos oriundos de todos os lugares de uma cultura. É pertinente enfatizar que a literatura de Marcelino Freire assume um papel de desmonte, no cenário nacional, e desperta o interesse da Academia e, com a inegável riqueza literária dos seus textos, insere uma literatura impura, protagonizada por sujeitos oprimidos e renegados.

Por meio da escrita deste trabalho, percebemos o quanto precisamos pensar no diferente, viver o diferente e permanecer no diferente; possibilitar a transgressão das normas e regras ditas pela sociedade; posicionarmos-nos enquanto sujeitos marginais e, diante das experiências vividas, lutar em prol dos direitos sociais, econômicos e culturais que permitem que sejamos respeitados e pertencentes a uma sociedade da diferença, da diversidade: “Diversidade não é divisão. É pluralismo, é criatividade. Quanto mais diferente, melhor...” (MACRAE, 2011, p. 23).

Dessa forma, ser queer é detectar a diferença como papel fundamental para uma possível transformação social e cultural, possibilitando a isonomia de direitos, para que todos

nós cidadãos sejamos respeitados enquanto seres humanos. Ser humano que precisa de liberdade, de voz, de sobreviver. E esta sobrevivência é uma luta travada, diariamente, por todos nós marginalizados, uma vez que sofremos humilhação, repressão, medo, preconceito, racismo, opressão e violência. Portanto, devemos lutar para que possamos concretizar a inclusão, o respeito e a justiça.

REFERÊNCIAS

DO AUTOR

Livros:

FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. São Paulo: Edith, 2010.

FREIRE, Marcelino. *Angu de sangue*. São Paulo: Ateliê, 2005.

FREIRE, Marcelino. *Balé Ralé*. São Paulo: Ateliê, 2003.

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FREIRE, Marcelino. *Contos: síntese e completude*. Palestra da Festa Internacional Literária de Cachoeira (FLICA), Cachoeira, 2011a.

FREIRE, Marcelino. *Rasif, mar que arreventa*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Outros:

FREIRE, Marcelino. Marcelino Freire volta de viagem à Itália e diz: eu escrevo para me vingar. Entrevistador Chico Lopes. *Blog Verdes Trigos*. 21 jun. 2006. Disponível em: <http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=992>. Acesso em: 15 abr. 2013.

FREIRE, Marcelino. Marcelino Freire fala sobre seu novo livro, 'Rasif'. Entrevistador Telio Navega. *Revista Prosa & Verso*, 2008. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2008/09/29/marcelino-freire-fala-sobre-seu-novo-livro-rasif-129320.asp>>. Acesso em: 2 mar. 2013.

FREIRE, Marcelino. Marcelino Freire: escritor e agitador cultural. *Produção Cultural do Brasil* [online]. Entrevistadores Aloisio Milani e Sérgio Cohn. São Paulo, 2 maio 2010. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/wp-content/themes/prod-cultural/integra/integra-marcelino-freire.html>>. Acesso em:

FREIRE, Marcelino. Verdades ferozes. Entrevistador Marco Lacerda. *Revista domtotal.com*, 2011b. Disponível em: <<http://www.domtotal.com/entrevistas/98>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

FREIRE, Marcelino. Não escreva bonito. Blog *Ossos do Ofídio*, 28 de maio 2012. Disponível em: <<http://marcelinofreire.wordpress.com/2012/05/28/nao-escreva-bonito/>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

FREIRE, Marcelino. Êta, danado! o 'velho' Marcelino Freire por trás do agitador cultural. *Saraivaconteudo*. Entrevistador Maria Fernandes Morais. 4 mar. 2013a. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/50052>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

FREIRE, Marcelino. Algo em mim quer dar vexame. *Jornal Cândido*. Entrevistador Márcio Renato dos Santos. 20 mar. 2013b. Disponível em:

<<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=360>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

GERAIS

ALMEIDA, Marco Rodrigo. Escritor Marcelino Freire une sexo e morte em livro “autopornográfico”. *Jornal Folha de São Paulo* [online], São Paulo, 9 nov. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/11/1368715-escritor-marcelino-freire-une-sexo-e-morte-em-livro-autopornografico.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

ARAGÃO, Liana. Marcelino Freire: contos negreiros (resenha). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 159-161, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/revista_26.html>. Acesso em: 15 jun. 2013.

ARRUDA, Ângela Maria de. A presença da comunicação de massa na literatura brasileira. *Temas e Matizes*, n. 5, p. 68-73, set. 2004. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/download/556/467>. Acesso em: 1 mar. 2013.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pilar. *Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA – ABEH, 5. Natal, RN, nov. 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/59733080/TRANSEXUALIDADE-E-MOVIMENTO-TRANSGENERO-NA-PERSPECTIVA-DA-DIASPORA-QUEER-Simone-Avila-e-Miriam-Pillar-Grossi>>. Acesso em: 27 set. 2013.

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandini de. A escrita dramática da marginalidade em Marcelino Freire. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 - Esp., p. 71-80, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/10-A-escrita.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. *O queer e o conceito de gênero*. In: GRUPO DE PESQUISA: CORPO, IDENTIDADES E SUBJETIVAÇÕES, UFSCar, out. 2011. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BARBOSA, João Alexandre. Prefácio. In: FREIRE, Marcelino. *Angu de sangue*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2005. p. 11-17.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BARRENECHE-CORRALES, Johana. O método autobiográfico e a pesquisa social: testemunhos e histórias de vida. In: FAZENDO GÊNERO, 8 – Corpo, Violência e Poder. 2008, Florianópolis. *Anais...* 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST50/Johana_Barreneche_Corrales_50.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2013.

- BENETTI, Fernando José. *A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no Brasil (1980-2013)*. 2013. 126p. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERLANT, Laurent; WARNER, Michael. Sexo em público. In: JIMÉNEZ, Rafael M. M. (Ed.). *Sexualidades transgresoras: uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Icaria, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BUTLER, Judith P. Corpos que pesam, sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. (Ed.). *Sexualidades transgresoras: uma antologia de estudos queer*. Barcelona: Icaria, 2002. p. 55-81.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHAMBERS, Samuel J. Telepistemology of the closet or, the queer politics of six feet under. *Journal of American Culture*, v. 26, n. 1, p. 24-41, 2003.
- COHEN, Cathy J. Punks, bulldaggers, and welfare queen: the radical potential of queer politics. In: JOHNSON, E. Patrick; HENDERSON, Mae G. (Ed.). *Black Queer Studies*. Duke: Duke University Press, 2005.
- COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores. In: _____. *Valise de cronópio*. Tradução Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira contemporânea*, Brasília, n. 20, p. 33-87, jul./ago. 2002.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã... diálogos*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EREBEN, Michael. *Biografia e autobiografia*. Milano: Angelo Guerini e Associati, 1996.

FERRAZ, Flávia Heloísa Unbehaum. Testemunho e oralidade nos contos de Marcelino Freire. *Revista Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*, v. 15, p. 28-35, jun. 2009. Disponível em: <www.uel.br/pos/letras/terraroixa/g_pdf/vol15/TRvol15c.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2013.

FERREIRA, João Francisco (Coord.). *Crítica literária em nossos dias e literatura marginal*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1981.

FORTIER, Anne-Marie. Queer diaspora. In: RICHARDSON, Diane; SEIDMAN, Steven. *Handbook of lesbian and gay studies*. London: Sage, 2002. p. 183-197. Disponível em: <http://www.sage-reference.com/hdbk_lgs/Article_n12.html>. Acesso em: 24 nov. 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é o autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Org. Manoel Barros da Mota. Tradução Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO, Adenize; ROCHA, Sandrielle da. Sangue derramado. *Jornal Rascunho*, ed. 140, dez. 2011.

GAMSON, Joshua. Deben autodestruirse, los movimientos identitarios? un extraño dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria, 2002.

GARCÍA, Paulo César. A celebração de si e os improvidos (homo)eróticos na ficção de João Gilberto Noll. *Sociopoética – Literatura e Estudos de Gênero*, Campina Grande, v. 1, n. 5, p. 27-39, jan./jul. 2010. Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/sociopoetica/publicacoes/sociopoetica-v1n5.pdf>>. Acesso em:

GARCÍA, Paulo César. Homocultura e linguagem: contextos, críticas e perspectivas dos estudos sobre o homoerotismo na literatura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA – CIELLA, IV. Fronteiras Lingüísticas e Literárias na América Latina. *Anais...* Belém, 23-26 abr. 2013.

GARCIA, Wilton. Diversidade sexual no documentário brasileiro: estudos contemporâneos. *Revista Bagoas – Estudos Gays e Sexualidades*, UFRN, CCHLA, v. 4, n. 5, p. 149-166, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/bagoas/article/view/2317/1750>>. Acesso em:

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Carlos Magno. Estudos culturais e crítica literária. *Revista da Anpoll* [Online] – Estudos Literários: Limites e Interseções, v. 1, n. 30, p. 53-68, 2011a. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/186/198>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

GREEN, James N. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, v. 15, p. 271-295, 2000. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/64207266/James-Green-A-construcao-de-um-movimento-brasileiro-de-GLT-2000>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Marginalidade, corpo, subalternidade, Evel Rocha e Marcelino Freire: à margem da margem. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n. 22, p. 43-54, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51680>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory: an introduction*. New York: New York Up, 1996.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas – Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades* [Online], Natal, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2013.

LAURETIS, Teresa de. Habit changes. *Differences – A Journal of Feminist Cultural Studies*, v. 6, n. 2/3, p. 296-313, 1994.

LIMA, Rachel Esteves. O ensaio na crítica literária contemporânea. *Aletria – Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 3, p. 35-41, out. 1995. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1112/1213>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

LINHARES, Temístocles. *22 diálogos sobre o conto brasileiro atual*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LOPES, Denilson. Desafios dos Estudos Gays, Lésbicos e Transgêneros. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 1, n. 1, p. 63-73, 2004. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/5/5>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

- LOURO, Guacira Lopes. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. *Revista Labrys, Estudos Feministas* [Online], n. 6, ago./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys6/libre/guaciraa.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LUGARINHO, Mario César. Direitos Humanos e Estudos Gays e Lésbicos: O que nós e Michel Foucault temos a ver com isso? In: COSTA, Horácio et al. (Org.). *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da USP, 2010.
- LUGARINHO, Mario César. Como traduzir a teoria queer para a Língua Portuguesa. *Revista Gênero*, Niterói, v. 1, n. 2, p. 33-40, 2001. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/362>>. Acesso em: 24 jun. 2012.
- MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.
- MARQUES, Ivan. Amor e sangue. In: FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. São Paulo: Edith, 2010.
- MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org.). *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos do comparatismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MAY, Rollo. *Eros e repressão: amor e vontade*. 2. ed. Tradução Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- MIRA, Alberto. *Para entendernos: Dicionario de Cultura Homossexual, Gay y Lésbica*. Barcelona: Tempestad, 1999.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE, 16. *Anais...* Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2013.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos: reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*, Unicamp, v. 28, p. 101-128, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/06.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica; Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MOLINA, Luana. Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual. *MÉTIS: história & cultura*, v. 10, n. 20, p. 17-34, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/776/1067>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

NOGUEIRA, Gilmaro. O heterossexual passivo e as fraturas das identidades essencializadas nos sites de relacionamento. In: COLLING, Leandro; THURLER, Djalma (Org). *Estudos e políticas do CUS: Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade*. Salvador, EDUFBA, 2013.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria queer e a reinvenção do corpo. Resenha de: BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, Garamond, 2006. *Cad. Pagu*, Unicamp, n. 27, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000200020>>. Acesso em: 15 out. 2103.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. *Interface*, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 499-512, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n26/a04.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, Unicamp, v. 28, p. 149-174, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

PINTER, Kayanna. Marcelino Freire e a literatura brasileira contemporânea: a vez e a voz das minorias. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE LETRAS, V – Estudos Linguísticos e Literários: Saberes e Expressões Globais. *Anais...* Foz do Iguaçu, 2011. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/veil/anais/Kayanna_Pinter>. Acesso em: 12 jul. 2013.
POE, Edgar Allan. Review of twice told tales. In: MAY, Charles E. (Ed.). *Short Story Theories*. Athens: Ohio University Press, 1976.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

- PRECIADO, Beatriz. Terror anal. In: HOCQUENGHEM, G. *El deseo homosexual*. Barcelona: Tapa Blanda, 2009.
- REIS, Toni. O movimento homossexual. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). *Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: EdUEL, 2007. p. 101-102.
- SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Por el culo: políticas anales*. Madrid: Egales, 2011.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec; Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SANTIAGO, Silvano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SANTOS, Ana Cristina. Estudos queer: identidades, contextos e ação colectiva. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 76, p. 3-15, 2006. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/813>>. Acesso em: 23 jun. 2012.
- SANTOS, Rick; GARCIA, Wilton (Org.). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: Xamã; Nassau Community College/State University of New York, 2002.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, PUC, n. 16, p. 297-325, 1998.
- SEIDMAN, Steven. *Queer Theory/Sociology*. Malden: Blackwell, 1996.
- SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.
- SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). *Literatura contemporânea e homoafetividade*. João Pessoa: Realize; UFPB, 2011.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SOUZA, Luciane Bernardi de; FERNANDEZ, Sônia Inez G. Aspectos da teoria do conto de Julio Cortázar em *Guapear com Frangos* de Sérgio Faraco. *Revista Idéias*, v. 26, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/ideias%2026.html>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

TEIXEIRA, Eduardo de Araújo. Nas águas fortes de Rasif. *Cronópios* [Online], 4 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/lancamentos.asp?id=3441>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

THURLER, Djalma. A dramaturgia bicha e o pensamento político de Jean Genet em O Diário de Genet. In: COLLING, Leandro; THURLER, Djalma (Org). *Estudos e políticas do CUS: Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade*. Salvador, EDUFBA, 2013.

VASCONCELOS, Liana Aragão Lira. *Estratégias de atuação no mercado editorial: Marcelino Freire e a geração 90*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_teses/Liana_Vasconcelos.pdf>. Acesso em: 10 maio 2013.